

Letras e Artes

Domingo, 15-10-1950 — SUPLEMENTO DE "AMANHÃ" — Ano 4.º — N.º 181

COM exceção de alguns anos, em que malentendidos os afastaram, Balzac e George Sand sempre foram bons amigos. Nada mais encantador do que a narrativa das visitas feitas pelo autor do "Pere Góniot" a Aurora Dudevant e Jules Sandeau, no tempo em que os dois amantes viviam numa mansarda do cais de Saint-Michel. "Eu me interessava por eles — escrevia Balzac à Estrangeira — Porque achava sublime uma mulher deixar tudo para seguir jovem pobre a quem amava... "O autor da "Comedia Humana" deixou de ver Sand durante alguns meses, quando ela se desembaraçou de Sandeau. Balzac defendeu este último, tomou-o como secretario e compreendeu afinal porque George Sand não tinha podido suportar um companheiro tão decepcionante.

Em Nohant, em 1838, o romancista foi hospede, durante alguns dias, de George Sand, que lhe deu o assunto de "Beatrix" — a historia de Liszt e Mme. Agoult, com as transposições necessarias "Conversava com ela como um verdadeiro camarada — diz Balzac — reconheço-lhe altas virtudes, essas virtudes que a sociedade toma pelo avesso. Discutimos com uma seriedade, uma boa fé, uma candura, uma consciencia, dignas dos grandes pastores que conduzem rebanhos de homens, as grandes questões do casamento e da liberdade..."

O abade Mugnier esperava ouvir no paraiso conversas semelhantes. Os dois "grandes homens", no entanto, não estavam de acordo em ponto algum. George Sand, fiel discipula de Rousseau, acreditava na liberdade original e no progresso. Pensava ela que uma revolução pode trazer a felicidade. Acolheu a de 1848 com verdadeiro inebriamento. Balzac, "rousseauista" renitente, acreditava no pecado original e não pensava fosse possivel mudar as naturezas. Acreditou, desde as jornadas de fevereiro, que a Segunda Republica não duraria muito tempo e, Birotteau incorrigivel, aconselhava a compra de terrenos durante o curto panico. George Sand sonhava com o Cristianismo do Vigario Saboiano, no qual via a verdade de Evangelho, segundo São João. Balzc, sem ser crente, sustentava o catolicismo romano. Pensava como Bonald: "Não basta ser um homem; é preciso ser um sistema". George Sand era republicana; Balzac, monarquista. George Sand havia pregado a emancipação da mulher; Balzac defendera o casamento de conveniencia, temendo, para a mulher casada, o excesso de liberdade. George Sand criara heróis de romance de um idealismo muito puro e os procurara na vida sem encontra-los. Balzac, amado desde o começo da existencia por uma mulher ideal, a Dileta, pintava com um realismo impiedoso o adulterio e a luxuria. Ora, quando Balzac morreu, Sand escreveu isto: "Dizer de um homem de genio que ele era essencialmente bom é o maior



HELEN SEWELL — Bico de pena

DUAS ATITUDES DIANTE DA VIDA

ANDRÉ MAUROIS

elogio que se lhe pode fazer... Antes de lembrar todos os titulos de Balzac à posteridade apresso-me a render-lhe esta homenagem, ainda não suficientemente prestada pelos contemporaneos. Vi-o sempre cometer grandes injustiças, quer literarias, quer pessoais, mas nunca vi dizer mal de quem quer que fosse... Cetico perante a humanidade, fustigava os anjos saídos do seu cérebro com o mesmo chicote com que despedaçava os demonios e dizlhes assim, meio a sorrir, meio a chorar: "E vocês tambem, vocês não valem nada, pois é preciso ser homem. Vão para o diabo, com o resto do seu sequito. Balzac ria de um riso de titã contando-nos essa execução. E se o censuravam por isso, se ele descobria em alguem a "hipocrisia do belo" altercava com uma força e uma verve exuberantes para provarnos que o belo não existe. Mas ante uma censura do coração, todo o poderio diabolico desmoronava sob o instinto ingenuo e bom, vindo do fundo do seu proprio ser. Apertava-nos a mão, cismava um instante e falava de outra coisa".

Contava George Sand ter jantado um dia ao lado de Balzac quando este acabava de regressar da Rússia. O romancista fizera o elogio do regime, da policia, da autoridade absoluta narrando detalhes ferozes com um riso convulso. George Sand disse-lhe ao ouvido: "— Isso lhe da vontade de chorar, não?" O romancista não respondeu, deixou de rir e não pronunciou nem mais uma palavra.

Gosto dessa anedota; ela exala um perfume de verdade. Sim, Balzac era bom. Basta ler o "Louis Lambert", "Le Lys dans la vallée" "Le Medecin de Campagne", para encontrase a natureza profunda do homem. Mas a experiencia lhe revelara o poderio do mal. George Sand tivera desgostos sentimentais; não se tornara por isso menos castelã de Nohant; suas chagas de prata tinham sido miserias de mulher rica. Balzac conhecera a pobreza autentica. Fôra um colegial sem dinheiro alvo da chacota dos companheiros impiedosos; auxiliar de advogado vivera num escritorio "a mais horrivel das tabernas sociais"; lutara contra os usurarios e os liquidadores de falencias; tivera que conquistar seu lugar num mundo que George Sand se dera ao luxo de desprezar. De onde no romancista, um pessimismo legitimo. Os maus triunfos nos seus romances. Despedaça ele anjos tão duramente quanto os demonios. E que chegou à conclusão de que a vida é assim. O desfecho feliz constitui aos seus olhos um dos aspectos da "hipocrisia do belo". Os camponeses que matam o guarda Michaud são monstros mas ganharão a partida "Les Paysans"). O marido que quer fazer interditar Mme. d'Espard é um santo, mas a má mulher encontrará um mau juiz e ganhará a causa ("L'Interdiction"). Laurence de Cinq Cygne ("Une tenebreuse affaire") fica indignado de ver Michu, inocente, ir para o cadafalso. Napoleão no campo de batalha de Iena mostra-lhe o exercito: "Eis aqui trezentos mil homens; são inocentes tambem; entretanto, amanhã trinta mil dentre eles serão mortos".

Mas esse realismo duro não produz no leitor crueldade. Ao contrario. Quando se relê como acabo de fazer piedosamente todo Balzac, emerge-se desse mundo imenso com uma impressão de serenidade. Os monstros ai serão numerosos e possantes! Sim; mas não faltam tambem as grandes almas. Balzac ama a palavra sublime e sabe aplicá-la admiravelmente. Nenhum romancista soube melhor do que ele pintar o homem em toda sua grandeza. Mesmo seus perversos possuem virtudes. Gobseck é um homem sensato: Vautrin possui coragem e ternura. Seus desfechos são crueis? Sem dúvida, mas são recuados para um passado distante: Sabemos da verdade sobre o "tenebreuse affaire", quando todas as paixões já estão extintas, vinte anos depois numa conversa de ministros num salão.

Tal a serenidade de Balzac; ela é fundada na aceitação do mundo tal como ele é. De onde a politica balzaqueana: uma politica da natureza. Torna-se tão impossivel para um homem de Estado governar um povo sem tomar conhecimento das forças do mesmo, quanto para um medico curar doenças, sem conhecer as funções do corpo. Eis porque Balzac exalta Talleyrand, Napoleão, Catarina de Medicis — cirurgiões sem ilusões nem fraquezas — e despreza La Fayette. Sand teria, sem duvida, protestado e condenado o maquiavelismo. "Os Julgamentos morais não cabem em politica tanto quanto em mecanica" — responderia Balzac. O que não é exato. Os julgamentos morais têm um lugar em politica, mas é preciso antes sobreviver, isto é, por a força a serviço da justiça. O proprio Alain, o republicano dos republicanos, concorda nisso, como em tudo mais, com Balzac: "Nunca imaginei — diz ele — que a Republica pudesse

(Conclui na 11ª pág.)

POETAS DA MINHA GERAÇÃO

STEPHEN SPENDER

(tradução de Lucio Bauerfeldt)

EM 1929, quando eu tinha vinte anos, os livros de Edmund Blunden, Henry Williamson, Robert Graves, e outros, contendo a narrativa de suas experiências na Primeira Guerra Mundial, pareciam revelações de alguma vida secreta, afastada de mim por uma barreira de dez anos, da qual havia participado uma geração mais velha.

Atualmente, os acontecimentos daquela época, em que a minha geração tomou parte, parecem, a uma geração mais jovem, tão remotos como foram, para mim, os da Primeira Guerra Mundial. Com efeito, é maior ainda a barreira que separa da minha a nova geração, e consiste não apenas de dez anos de paz, mas de vários de guerra e de cáos do após-guerra. Assemelha-se-me êsse período tão longínquo como o de 1870.

A Frente Ocidental parecia-me um conjunto teatral de trincheiras e de lama, de terra de ninguém e de árvores destroçadas. O período de 1930, porem, não apresenta à mentalidade da juventude contemporânea quadro assim tão nítido e positivo. Parece pouco mais que a idéia abstrata de um movimento literário de escritores com tendências ao realismo e comunismo em moda.

E' fácil descrever movimentos e tendências literários. Nada mais difícil, porém, do que demonstrar como um movimento intelectual não é apenas uma idéia que, sem motivo especial algum, acode ao cérebro de qualquer indivíduo e se alastra com a mesma arbitrariedade que determina a moda na indumentária da mulher.

Mas ainda, talvez, do que a "poesia de guerra", de escritores como Wilfrid Owen e Siegfried Sassoon, a poesia social da decada de 30 surgiu da convicção intima dos poetas de que estavam vivendo dentro de uma situação especial.

x x x

Em 30 Auden escrevia:

Consider this and in our time.
As the hawk sees it or the helmeted airman.
The clouds rift suddenly — look there
At cigarette-end smouldering on a border...

A ponta de cigarro que se queima é o símbolo do rastilho de uma bomba que irá destruir tôda a sociedade da classe média, frequentadora de festas: castigo êsse que Auden passa a debuxar em traços largos, inspirados de uma malícia jovem e sombria:

Seekers after happiness, all who follow
The convolutions of your simple wish,
It is later than you think...

Ao iniciar-se aquela época, a atitude assumida por um escritor moço, como Auden, representava uma contemplação isolada do desastre. Escreveu o poeta sôbre os "jovens belos e enfermos" em "esta nossa Inglaterra onde ninguém está bem". Era uma atitude estudadamente não-política. As coisas estavam chegando ao fim, e o poeta olhava para o declínio ocidental com inteira displicência. Não aderia à velha ordem, nem às fôrças que a derrubavam. Via, apenas, a catastrófica cena humana com objetividade algo prazenteira, "como a vê o gavião ou o aviador de capacete".

Essa visão de uma história calamitosa fora da vida de indivíduos perspicazes e sensitivos era a sobrevivência da década de 20. A grande transformação que caracterizou a era de 1930 foi um elemento inteiramente novo em poesia. Foi um apêlo: o apêlo dos desempregados da derrocada de 30 — Ouvi-nos! O apêlo dos judeus e de outras vítimas do fascismo depois de 33 — Falai por nós! Penetrou na poesia de 30, não só na Inglaterra como em outros países. Existe aqui, certamente, um paralelo com as vozes dos pobres, dos que outrora aspiravam e protestavam na poesia de Coleridge, Wordsworth, Burns, Shelley e Byron.

Considerando-o simplesmente em seus efeitos sôbre a literatura, o apêlo era a renovação da esperança social na poesia. Porque o comentário final sôbre a sociedade da década de 20, parecia estar contido no abandono de tôda a esperança na Civilização Ocidental, de que fala Eliot no poema "The Waste Land":

Falling towers
Jerusalem Athens Alexamdria
Vienna London
Unreal

Concordar que havia oprimidos e opressores, vítimas e carrascos, era abandonar a atitude de completo isolamento do declínio ocidental que prosseguia como uma catástrofe da natureza. Era envolver-se na questão. Equivalia dizer-se que haviam sido encontrados, em Sodoma, doze homens justos, e que os poetas deviam dar testemunho da existência dêles para que a cidade fôsse poupada. Era dividir a sociedade em duas facções, a dos bons, dos civilizados, e dos democráticos, e a dos máus, dos bárbaros, e dos tiranos. Essa insistência na esperança (que serviu de inspiração ao título de um romance de André Malraux) surgiu de acontecimentos que exigiam que os homens enfrentassem o fascismo, o desemprêgo, e a guerra, esperançosamente, desde que isso fôsse exequível. Mas essa atitude que era real, como o eram, também, os acontecimentos, transformou-se em movimento literário, que hoje se despreza como se nunca houvesse sido mais que um capricho de um grupo de escritores. O fato, porém, é que não são os movimentos literários que se modificam, e sim os acontecimento. Novos acontecimentos exigem novas atitudes, que se refletem na literatura como "movimentos".

x x x

São comparativamente raras as situações históricas em que a poesia se torna ativista, e, talvez, sejam perigosas para a arte poética. A raridade é demonstrada pelo seu aspecto oposto: as situações em que a poesia não tem ligação com a mudança social. Quando a aristocracia dominante parace ter atingido o ponto mais elevado de uma época de clarividência (como aconteceu no século dezoito, ou no período elizabethiano), a poesia representa, então, os valores aceitos daquela era. Durante os períodos de guerra, as vozes dos poetas são abafadas pela propaganda e pelos método obssessivos do poder. A consciência poética só se torna política nos momentos em que os indivíduos civilizados, agindo individualmente, podem, se assim quiserem, salvar a situação, defendendo-a ou transformándo-a. Nessas ocasiões (na época de Milton, ou dos românticos inglêses, ou na década de 1930), sentem-se êles como que impelidos pela necessidade histórica a tentar persuadir os contemporâneos a realizarem o milagre da ação, antes de ser demasiado tarde. São muito raras essas situações históricas e, possivelmente, nunca se apresentarão na nova era de dominação armamentista do mundo, em que parece havermos entrado.

A transfusão do sangue da esperança popular em poesia é, de certo modo, tão perigosa quanto pode, de outro lado, ser benéfica. Quando a poesia, ao invés de criar sua própria realidade interior dentro dos mundos ideiais de poemas distintos, toma por empréstimo do mundo da realidade uma fé ou filosofia religiosa ou social, ela faz sua verdade interior depender, ate certo ponto, da verdade das coisas exteriores. Suas credenciais podem ser contestadas pelas provas comuns que se aplicam às verdades externas. E' possível, dêste modo, discutir as filosofias de Wordsworth e de Shelley destacadas de sua poesia, e sente-se, até certo ponto, que a verdade dessa poesia depende da verdade das suas idéias panteístas e revolucionárias.

Em alguns de seus lavores, os poetas de 1930 tornaram sua poesia dependente do poder das fôrças humanistas de salvar o mundo da tirania e da guerra. Não tendo as democracias conseguido isso, deixou de existir a situação em que era possível produzir-se semelhante poesia e, conseqüentemente, a própria poesia permanece prêsa às circunstâncias donde surgiu.

x x x

Todavia, os jovens poetas que, nas cercanias de 1930, deixaram Oxford e Cambridge, enfrentaram, com bravura e mesmo alegria, um mundo de crise industrial, de tirania política e ameaça de guerra. Em tôrno de certos críticos e editores literários, cresceram algumas antologias e revistas que juntavam aos seus títulos, quase sempre, como expressão de novidade, o vocábulo "new": *New Signatures*, *New Writin*, *New Country*, *New Verse* — para mencionar apenas alguns dêles. Michael Roberts, John Lehmann e Geoffrey Grigson (poetas, todos êles, acidentalmente), foram os editores mais destacados que lançaram o movimento que constituiu uma inovação. No teatro, um movimento patrocinado por Rupert Doone levou à cena as peças espasmódicamente poéticas, satíricas e eivadas de "jazz", da autoria de Auden e de Isherwood.

Tanta atividade, a princípio aclamada pela geração mais velha como uma nova aurora, de coloração quase inevitàvelmente avermelhada, incorreu, em breve, na ojeriza que se tem às "igrejinhas". Os escritores de uma geração anti-política, purista, e mais velha consideravam descuidado e frouxo o estilo dos novos, traindo, com freqüência, os mais elevados padrões de isolamento estético, permitindo que motivos políticos penetrassem em seus escritos criadores. Essa crítica era, em parte, justa, e, em parte, impensada.

E' verdade que os escritores da geração mais velha, como E. M. Forster e Virgínia Woolf, e da geração pouco mais recente, como Evelyn Wangh, Aldous Huxley, Raymond Mortimer, David Gardner e Cyril Connolly, possuiam uma pureza de estilo jamais atingida pelos seus sucessores dêste século. Desde 1930 vem-se verificando um real declínio em estilo, e o encanto dos antigos quase nunca foi reconquistado pelo estilo brilhante, violento e apaixonado dos que os seguiram.

Entretanto, foi injustiça acusar os jovens escritores — como o fez Virginia Woolf, no começo de 1930, em *Letter to a young Poet* — de não dar atenção às grandes realizações tradicionais. E, mais que injusto, não foi inteligente reprochá-los por cuidarem do desemprêgo, da justiça social e da paz mundial, e de procurarem tirar dessas preocupações a sua inspiração.

Se êles foram julgados como tendo andado e agido conjuntamente em "igrejinhas", foi porque essa associação existia mais no cérebro dos escritores e jornalistas do que na sua própria mente. Bom exemplo disso foi o agrupamento de Auden, Day Lewis e da minha própria pessôa, tendo nós sido considerados como colegas inseparáveis. Na realidade, Auden, Day Lewis e eu nunca estivemos juntos um só momento durante tôda a década dos 30, e somente em setembro de 1949 êsse encontro se realizou quando aconteceu estarmos todos juntos no PEN Clube de Veneza.

Nada obstante, os poetas de 1930 tinham muita coisa em comum. Sofriam as mesmas influências, reagiam contra circunstâncias semelhantes, apoiavam causas idênticas, e foi a comparticipação nos acontecimentos que os reuniu em um movimento. Escreviam à sombra de um poema — "The Waste Land", de Eliot — que havia lançado profundo desafio a tôda a geração, e eram dominados por um escritor de excepcional talento — W. H. Auden.

AINDA ISABEL

BRENO ACCIOLY

RENOVA-SE fanhoso o alarme da sirene do descaroçador, libertando homens e mulheres que após oito horas de trabalho, regressam silenciosos, lerdas, quais bichos espancados, famintos.

Isabel começa a acender os bicos de carbureto e à medida que a sala se vai clareando, as feições de Bernadete avolumam-se; e um riso ambíguo, misto de trágico e zombeteiro, desabrocha-lhe os lábios.

Ficamos a nos olhar, olhos dentro dos olhos, olhos que compreendem e aceleram a compreensão de tudo; vencido, baixo os meus, e, imediatamente, invade-me uma vontade de fugir como mercenário de batalha perdida.

Envergonhado, sem fitar minha filha, murmuro baixinho:

— Bernadete, venha para junto de seu pai, venha.

Faço-lhe este convite sem nenhuma convicção de ser atendido. Sei que Bernadete não me atenderá, mas de novo torno a chamá-la, consciente que ela permanecerá uma face de olhos esbugalhados, além de dois ouvidos cheios de algodão.

Quando nas férias de fim de ano regressava a Sant'Ana do Ipanema, percebia os meninos de minha rua olharem-me desconfiados, jamais convidando-me a participar de seus folguedos. Tinham receio de brincar comigo. Certamente era a farda do colégio que deles me afastava, como se a minha infância de internato podesse lhes amortecer a alegria. Supunha. Bernadete, agora, olha-me como aqueles meninos me olhavam, desconfiadamente, fugindo de mim sem razão. A única diferença é que Bernadete se afasta de mim escorregando pelas paredes, sorrateira, quase espectral; sua face lembra a de um bicho que me olhasse, após de castigado, com a imobilidade das feras inchadas de ódio. A presença de Bernadete equivale a de um símbolo enfurecido.

Isabel ainda não acendeu a lamparina do quarto dos santos e as imagens estão na escuridão, até mesmo a minha protetora Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se encontra às escuras nesta hora de vésperas.

Minha vida é mais desgraçada que a de Bernadete. Incrivel. Porém é verdade. Se Isabel sentir-se infeliz, mesmo assim, eu me considerarei o mais enchagado dos três, pois comparo-me a um poço estagnado, a um rio desviado de seu curso.

Desde que subi — desta última vez — as escadas do sobrado, vivo sòmente imaginando coisa ruim, preso a um círculo vicioso de imagens embotadas, velhas, entretanto, capazes de a mim sugerirem novos raciocínios. Tudo isto a castigar-me? Por que? Serei eu o culpado de todos os pecados de minha geração? Quando tudo isto terá fim?

Parece haver dentro de minha cabeça sòmente lugar para tragédias. Não tomo cocaína, tão pouco outra droga capaz de suscitar revelações oniricas. Contudo, é como se eu as tomasse, porque as minhas recordações obrumbam a minha consciência, tornando-me um desajustado, um inutil, como se de verdade eu andasse às voltas com empôlas e seringas. Cansado o sangue deixa o meu coração e cansado ele retorna ao meu peito.

Que ninguém tome conhecimento da minha existência torpe, que ninguém venha a saber da minha descrença atual por tudo. Contudo se de ateu alguém me chamar, estará lançando ao rosto de um homem uma infâmia; mentindo descaradamente.

Mas não desejo que ninguém desvende o atual estado de meu espírito. Já é horrivel, dele, eu ter conhecimento. Apenas, eu não descubro a razão que me obriga a viver qual um paralítico ou como alguém que não soubesse se deliberar, quando de permeio entre determinadas questões, fúteis no entender da maioria das criaturas.

* * *

Fugindo do calor, atravesso a sala de visitas, trazendo Bernadete pela mão esquerda, que se debruça na varanda para me perguntar por que as estrelas não caem.

Teria satisfeito a curiosidade de minha filha, se de inopino, não escutasse sons encherem a praça, vozes elevarem-se em côro, despertando a sonolência das ruas e dos prédios, de sopetão.

Desconhecendo quem são os cantores, acalentado pela harmonia das vozes, permaneço a olhar a praça onde um harmônium e dois violinos foram entregues a seis hábeis mãos.

Portas são abertas, janelas são escancaradas, acolhendo cabeças curiosas, ouvidos que não puderam suportar o apelo desta música de harmonium.

Vagabundos, aleijados, levantam-se dos batentes de lojas, do cimento das calçadas frias e também vão para a praça, cada vez mais cheia. E' um delírio. Não exagero. Já não escuto os acordes do harmonium nem os inusitados sons evolados dos violinos, pois o povo que se comprime na praça da igreja, entôa o côro da música com firmeza, como se já o houvesse ensaiado; e agora o expulsasse de memória à maneira de coristas, pagas para repetirem o que lhes ensinaram nos ensaios.

— Se você quiser, Isabel, pode também ir cantar. Eu fico aqui mesmo na varanda. Pode ir sem susto que eu tomo conta de Bernadete.

Disse a minha mulher que fosse também cantar, ao pressentir a sua presença ao meu

(Conclui na 11ª pág.)

E' fasta ou nefasta a influencia da cultura francesa?

JOÃO GASPAR SIMÕES

PODERIA, talvez, principiar êste artigo fazendo minhas as palavras de Alcântara Silveira, escritas no antelóquio de um dos seus artigos reunidos em volume sob o título de "Gente da França" — "a muitos leitores parecerá estranho que um curioso ocupe colunas de jornal para discorrer sôbre um livro aparecido há quase quatro anos". Não apareceu há quase quatro anos o livro de Alcântara Silveira, mas há dois para três... Todavia só agora me chegou às mãos o exemplar que o seu autor gentilmente me destinou. Para mim, por isso mesmo, não é um livro aparecido há dois para três anos: é um livro que acaba de aparecer.

Envelhecem ràpidamente certos livros. Não há regras para tal envelhecimento. Pensar que envelhecem mais depressa os livros compostos, como êste, de artigos avulsos recolhidos dos jornais onde foram aparecendo, às vêzes no decurso de vários anos, é um erro. Não o enviou o próprio autor de "Gente da França", que, numa breve nota de abertura, considera "grave senão" dos livros "formados por artigos já publicados em jornais" a sua "inactualidade". Quanto a mim, tão depressa envelhece um romance como uma obra composta de artigos dispersos, quer êsses artigos sejam apontamentos "jornalísticos" à margem da vida, quer breves notas de leitura à margem dos livros, ou ainda crônicas literárias de pronunciado acento crítico. E quantos livros de versos não envelhecem mais depressa ainda! Oh, e o envelhecer repentino dos romances que não cessam de vir a público! Não. Se o jornal é por natureza quotidiano, e, por isso mesmo, efêmero, não creio necessàriamente efêmero tudo quanto nas suas páginas se imprime. O efêmero não está no jornal — está na pena que nêle escreve. "Gente da França", não obstante ser um livro compôsto de artigos de jornal, artigos consagrados, na sua maior parte, a obras e autores de atualidade, nem por isso é um livro efêmero. Pelo menos é obra que proporciona a um estrangeiro como eu, decorridos dois para três anos sôbre a sua publicação, uma idéia muito lisonjeira sôbre a forma como na imprensa quotidiana do Brasil se escrevem crônicas literárias acêrca da vida cultural francêsa.

Muito bem pode acontecer que Alcântara Silveira haja procedido a uma seleção prévia dos seus artigos publicados sôbre assunto francês, reservando "Gente da França" apenas os trechos que a perspectiva do tempo o aconselhou a considerar como não tendo perdido a atualidade. Com efeito, dos vinte e um artigos de que a obra se compõe, nenhum pode considerar-se desatualizado. Os autores de que Alcântara Silveira se ocupa — um Duhamel, um C. F. Ramuz, um Roger Martin du Gard, um Jean-Paul Sartre, um Verlaine, um Rimbaud, um Péguy, um Mallarmé, um Alain, um Maurois, um Francis James, um Charles Du Bos, um Julien Green — vá lá: um Balzac ou um Benjamin Constant — nenhum envelheceu ainda. Eis quanto basta para que os artigos de "Gente da França" não tenham perdido a sua atualidade. "Diz-me o que lês, dir-te-ei quem és". Este aforismo, fabricado agora mesmo, para uso urgente se nem sempre é verdadeiro quando aplicado a articulistas de índole literária, obrigados, sobretudo se é a crítica que os move, a lerem o que não querem e a deixarem de ler o que lhes agrada, parece-me de justa aplicação sempre que, como no caso de Alcântara Silveira, a reunião em volume de crônicas dispersas obedece ao gôsto de quem as escreveu. Talvez que o autor de "Gente da França" tenha deixado nas colunas das gazetas os artigos que menos lhe agradavam. Mas, ainda assim, o fato de ter escolhido êstes, só pode depor, favoràvelmente, em abono da sua cultura, do seu gôsto, e da sua discriminadora inteligência.

São diversos, e antogônicos, e estranhos uns aos outros, muitos dos autores que comparecem nas páginas de "Gente da França". Um Duhamel não se dá com Sartre, um Maurois é a antítese de Rimbaud, Alain não pertence à família de Charles Du Bos. E, no entanto, Alcântara Silveira de todos fala com amena compreensão e claro entendimento. Francêses todos, em cada um dêles há, pelo menos, uma centelha daquele gênio que Alcântara Silveira venera acima de tudo — o gênio da distinção, da ordem, da elegância, da clareza.

Sim: Rimbaud desmancha o conjunto. Mas o autor da "Gente da França", lá está para se sangrar em saúde, como se diz por terras de Portugal. Tendo começado por render culto ao gênio poético do autor das "Illuminations", um relâmpago que em noite escura nos mostra um pedaço de céu, durante fração de segundos" — parece ter acabado renegando a sua crença. Pelo menos, em tempos que lá vão, fascinado por um verso do "Bateau Ivre", hoje, confessa não encontrar nesse verso "a menor ressonancia, achando-o até literàriamente fraco". Quanto a nós, a razão é simples: havia um equivoco na admiração de Alcântara pelo autor da "Saison en Enfer". Agora, o equivoco desfêz-se: não era quando admirava Rimbaud que Alcântara Silveira estava na "sua" verdade, mas, sim, agora, que não encontra, pelo menos num verso seu, "a menor ressonância". "Desencontro nascido de um estado de alma — eis como o autor de "Gente da França" explica aquilo que eu próprio explicaria — diz, numa citação minha que muito me lisonjeia — pelo fato de êle ter perdido as "calorias necessárias" à aceitação do "enfant terrible" da literatura francêsa, que é Rimbaud.

Na verdade, inteligente como é, Alcântara Silveira encontra sempre um aspecto por onde introduzir-se na obra desses mesmos escritores pouco indicados para nos dizerem, já que êle, Alcântara Silveira, os lê, quem êle próprio, Alcântara Silveira, é. Espírito de ordem e clareza, porém, só junto dos espíritos de ordem e clareza o sentimos entre pessoas de família.

Não são os jornais lugares recomendados para se consagrarem crônicas literárias a aprofundamentos e interpretações que, se não exigem mais espaço para a sua exposição e mais tempo para o seu amadurecimento — em pequenos trechos diz André Gide, no seu "Journal", o que outros não dizem em duzentas páginas, — pelo menos não correspondem à espectativa do leitor de gazetas. Nos jornais deve escrever-se assim mesmo, como Alcântara Silveira escreveu sôbre algumas das grandes figuras literárias da França, — mostrando-as, por fora, para que o leitor venha a sentir a tentação de as ver por dentro. E é por isso mesmo que os artigos reunidos em "Gente da França" nada perderam da sua atualidade. Bem escolhido o modêlo, apropriada a luz, a pose estudada a preceito — eis que os retratos de um Duhamel, de um Filippe Heriat, de um André Maurois, de um Roger Martin du Gard, de uma Raissa Maritain, de um Alain ou de um Du Bos se nos imprimem no espírito para não mais de lá sairem. E o certo é que a nitidez dos contornos e a riqueza dos pormenores exteriores, sem que o traço vinque nem que a sombra ensombre, nos habilitam a conhecer melhor a individualidade retratada. Feliz o leitor brasileiro que pode encontrar nas suas gazetas uma galeria de retratos das mais altas figuras literárias da França em que há tudo quanto precisa para amar mais e querer melhor aos bons escritores desse país de onde nos vem, tanto aos brasileiros como aos portuguêses, muito do que mais estimamos: a ordem que não temos, a concisão que nos não é dada, a clareza por que aspiramos debalde.

E eis-nos no ponto importante das considerações que a leitura de um livro como de Alcântara Silveira não pode deixar de nos inspirar. Reconhece o autor do livro "Gente da França" que o considerar "que o brasileiro tem a mania da literatura francesa, vivendo devorando romances francêses, é fazer confusão, cair num equívoco". Pelo menos, em seu parecer, o brasileiro apenas tem conhecido, reconhece-o agora, da literatura de França, o que na literatura francêsa é "menos bom". Só agora, a data da publicação do artigo — 1947?, 1948? — que serve de introito a "Gente da França", observa, há indícios, graças às boas traduções que se estão fazendo — boas traduções de bons autores — de que o brasileiro passe a conhecer a verdadeira literatura da pátria de Racine. Na verdade, só agora o compreende Alcântara Silveira, agora, que observa a voracidade com que os seus patrícios estão lendo, inclusivamente, pela primeira vez a "Comédia Humana", de Balzac, só agora compreende que no Brasil se não conhecia o que vale a pena conhecer na literatura da França.

Assim acontece em Portugal. Se nos dessemos à penosa tarefa de proceder a um balanço ao que de positivo o leitor português aproveita no seu culto do que vem de França ainda acabariamos mais pessimistas que Alcântara Silveira. O leitor português, mesmo aquele que lê autores francêses na língua original, só conhece da França o que de menos representativo existe na sua cultura. E no entanto, não me parece que possa concluir-se, como conclui o autor da "Gente da França" a respeito do brasileiro, que a influência da literatura francêsa sôbre a gente portuguêsa não seja, de fato, poderosíssima.

Sim: pouco importa que os brasileiros, na sua maioria, não leiam os bons autores francêses, ou que nem sequer leiam os maus. No Brasil, como em Portugal, perdoe-se-me o atrevimento, não é a massa dos leitores que constitui o veículo normal da cultura literária. As influências não irradiam de baixo para cima, pelo menos em matéria de cultura, mas de cima para baixo. Ora o que é certo — em Portugal, pelo menos, assim sucede — é que o escol lê muito francês, absorve, desalmadamente, cultura e gôsto francêses, respira França por todos os poros. Conclusão: a influência da França, e particularmente da sua literatura, irradia em todos os sentidos, atingindo, inclusivamente, aqueles mesmos "que nunca leram um livro de autor francês".

Há nisto inconveniente? Em Portugal, alguns existem. No Brasil, ignoro-o. Mas os maiores inconvenientes que posso ver nesta absorvente influência da cultura francêsa sôbre a cultura portuguesa parece-se muito com os inconvenientes que se costumam apontar aos casamentos entre parentes muito próximos. A aliança de dois primos em primeiro grau não é perniciosa, do ponto de vista da descendência, senão podem advir para os filhos em cujas células se concentraram os estigmas degenerativos que por acaso existem espalhados no sangue da família.

Na verdade, a clareza, a consisão, a ordem, o método não são coisas que façam mal ao gênio português. Pelo contrário: temos tôda a vantagem em ser um poucochinho mais claros, mais concisos, mais ordenados e mais metodicos. Todavia, precisamente porque há em nós, povos apesar de tudo latinos, pronunciados estigmas de clareza, concisão, ordem e método, o fato de nos aliarmos, pela cultura, a um povo em que estas "virtudes" atingem o paroxismo, provoca não poucas vêzes aquilo que por demais conhecemos entre nós: aberrações da clareza, da concisão, da ordem e do método. Gerações tem havido, pelo menos entre nós, portuguêses, inteiramente compostas de indivíduos em cujas células a concentração das "virtudes" francêsas determinou essa grave e hereditária doença que dá pelo nome de "superficialidade brilhante".

Receio que o meu ponto de vista não agrade à maioria dos brasileiros, e talvez um pouco subversivo. Os portuguêses também não devem gostar muito dêle. Mas é o meu ponto de vista, e há muito que o sustento sem encontrar até agora fortes razões para o abandonar. Se acho que pecamos, muitas vêzes, por carência das altas "virtudes" que exornam os grandes espíritos tipicamente francêses, entendo, também, que aqueles dos nossos escritores que mais absorventemente se deixaram contaminar por essas altas "virtudes" não poucas vêzes sacrificaram a baça profundidade à brilhante superficialidade. Será necessário citar, uma vez mais, o nunca assaz discutido caso do autor das "Prosas bárbaras?". Pois não é verdade que o muito de bom que Eça de Queiroz herdou da França o impediu de desenvolver as melhores qualidades que carregava no sangue? Onde ficou o lirismo transfigurador das suas primeiras páginas? Que foi feito desse sarcasmo virulento que rebenta, de onde em onde, nas novelas e romances sacrificados — um "Alves & Cia.", ou uma "Capital?"

Bem sei que o caso brasileiro é diferente. Mas inclino-me a acreditar que apenas principiou a ser diferente quando o romance do "nordeste" começou a varrer a influência dos romancistas impregnados de cultura francêsa, deixando a nu o belo corpo viril do genuíno gênio literário brasileiro. Eis o meu ponto de vista perante o otimismo de Alcântara Silveira ao reconhecer que a influência da cultura francêsa não é tão profunda no Brasil quanto êle pensava. Terá razão o autor da "Gente da França"? Oxalá que sim. Nunca fiando, porém. A's vêzes, limitada na aparência, há nela sinuosidade bastante para, do escol a que se limita, passar à massa que a ignora, para, dos poucos que inteligentemente a saboreiam, se transmitir aos muitos que nela indiscriminadamente se atolam.

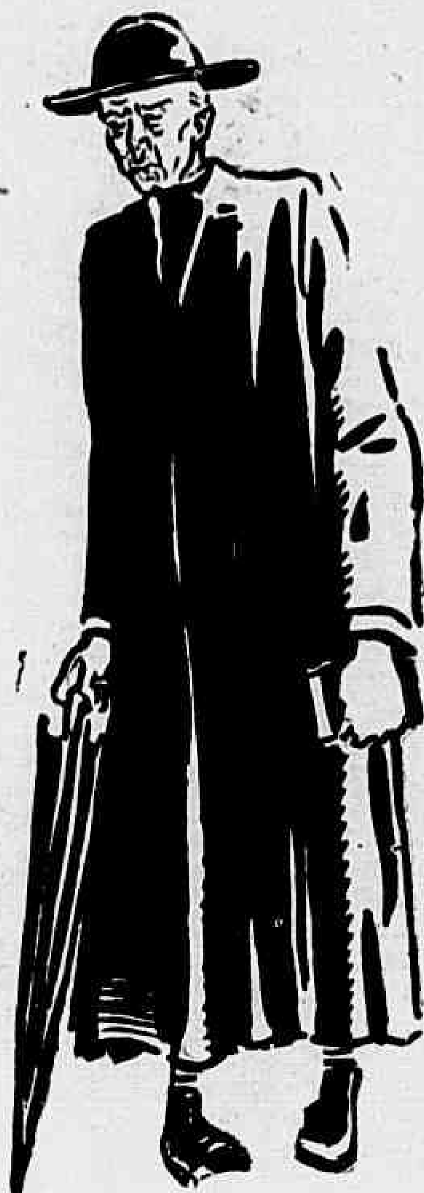
Casa do Dragão
Cascais — Portugal



Xilogravura de OSWALDO GOELDI

A PRIMEIRA VISITA

ASCENDINO LEITE



O PADRE foi a primeira visita. O vigário de pés tortos. Andava gingando, por ação do defeito físico, porque leve lhe era o corpo franzino e mais delicado, na aparência, a substância espiritual. Estava eu sob o domínio de leituras recentes. Os complexos, pensava, deveriam torturar aquela alma modesta. E me perdia em vãs divagações sôbre o instável mundo das fantasias.

Imaginava-o um torturado. Que dramazinhos incruentos não se aninhariam no tugurio paroquial! E de que espécie seria a fé do padre Pires, pobre ser vilipendiado pela miséria do aleijão, a atrair a piedade humana até os limites das concessões mais generosas? Phillip Carey, personagem de um romance, me surgia à mente. O padre Pires, de pés tortos, calçando sapatos especiais, dificultoso nas ladeiras, seria um epígono do heroi literário e isso me comovia. Mas Monte Orebe era um pobre burgo no mundo, tão simplório, que o drama por mim imaginado se confinava num mediocre esquema de cogitações. A esturdia compreensão da gente com quem eu entrava a privar desanimava a pretensão do trágico. Povileu incaracterístico, ruminaria diante do padre Pires motivos de chacota.

O pároco talvez fôsse fruto da mesma cepa. Por que então me enrodilhar na fantasia dramática e supor no padre Pires fenômenos de inteligência e secretos murmúrios contra as injurias da natureza?

Veio êle a mim e o recebi afastando do meu espirito a idéia mesmo de ter afagado tais ilusões.

★

Era humilde, sim. Mas dessa humildade sem afetação que aliás assentava bem com a sua medida física. Páraco aldeião, não diferia dos demais missionários da fé que espalham a sementeira da religião pelas cidadezinhas ignoradas da geografia nordestina. Pedi-lhe que cooperasse comigo na minha tarefa em Monte Orebe. Mas o censo era idéia que não lhe estava em mente e logo vi que o padre Pires fazia dêsse serviço as reservas de tôda a gente simples dos campos. Algo como o serviço militar. Para que contar almas? Isso era missão que êle apenas compreendia remotamente como uma invenção do poder governamental mas nunca como uma grave necessidade de utilidade pública.

Todavia, no domingo seguinte, fez o seu sermão sôbre os pontos de um esquema que lhe dei. Pouco me lembro do que disse então. Voltando os olhos para trás, nada mais consigo evocar senão a sua mirrada figura humana. E o pensamento não me ajuda mais que a tecer uma cética apreciação de sua eloquência. Talvez a palavra eloquência seja nesta altura muito solene para definir o sermão proferido pelo bom padre a meu pedido.

Era mesmo um sermão por encomenda. Mas creio que, independemente disso, o excelente pároco não teria fôlego maior para produzir uma peça sofrível, não teria sido mais original nem mais brilhante. Suas palavras saiam descozidos, se assemelhavam em quase tudo às dessas orações sacras que os nossos vigários do interior costumam dizer aos seus paroquianos em meio à missa dominical.

★

Fôsse eu membro do clero, bispo ou arcebispo, daria corpo às idéias que alimento em relação a êsse aspecto da prática religiosa. Há uma tradição que manda seja a prédica dos domingos fundamentada em trechos do evangelho, algumas citações latinas e a interpretação dos simbolos sagrados. Nossos padres seguem à risca a letra do texto. E à fôrça de repeti-lo cosem e descosem os seus sermões, num fraseado por vezes bárbaro que só muito raramente consegue atrair o interêsse intelectual ou religioso dos seus modestos auditórios.

O padre Pires era bem um representante dêsse tipo de pregador espiritual. Reconstituo sua figura angulosa quase a desaparecer no semi-círculo do púlpito, tentando inutilmente bradar as suas verdades. Pela nave, sôbre os bancos, dormitavam os rústicos cavalheiros do lugar e as velhinhas, mais dirigentes nas demonstrações de fé, homenageavam seu vigário dirigindo-lhe o olhar atento e um ar de compunção, como quem cumpre penitências.

E assim o padre Pires prestou-me a sua contribuição. Estou convencido de que êle próprio formava um juizo muito precário do objeto que o levou ao púlpito, motivo por que no seu sermão pensava menos na repercussão e na serventia daquele empreendimento público do que mesmo na necessidade de fortalecer, com as suas reservas, a própria segurança religiosa de sua pequena comunidade social.

Formação do português do Brasil

MANUEL DIÉGUES JUNIOR

NO campo da linguística encontra-se uma das melhores e mais fartas searas para o estudo dos processos de relações culturais. Sua importância, no caso do Brasil, parece fora de dúvida; e neste sentido a bibliografia, já surgida sôbre êstes resultados oferece interêsse pelas sugestões apresentadas e pelas conclusões indicadas. Grande contribuição no sentido do melhor conhecimento dêsses processos encontra-se particularmente nos estudos regionais.

Realmente, através de pesquisas em áreas menores, ou em áreas culturais definidas mais especificamente, é possível levantar-se um panorama dos processos linguisticos verificados no Brasil. Tal contribuição é, sem dúvida, do maior interêsse para se auferirem as relações de linguagem entre os grupos étnicos povoadores do Brasil. Tais estudos regionais põem em relevo as diretrizes ou os aspectos peculiares dos choques linguísticos.

Aliás, êsse aspecto regional da lingua portuguesa no Brasil salientou-o em estudo recente o prof. Serafim da Silva Neto, em "Introdução ao estudo da lingua portuguesa no Brasil": ao lado do uso culto ou literário e do uso corrente, que é o da giria, familiar, popular, o uso regional. Êsse uso se originou, ao que tudo indica, dos contatos entre os grupos humanos, de acôrdo com as suas procedencias, em prejuizo das influencias proporcionadas pelo próprio ambiente. Sobretudo o social. Pois o ambiente social foi de notável importância no processamento das relações linguísticas.

Durante o período colonial, isto é, entre o descobrimento e o fim do século XVIII, o panorama do Brasil oferecia o seguinte quadro: 1) o português falado na faixa litorânea pelos brancos e seus descendentes; 2) uma adaptação do português no uso dos negros, indígenas e mestiços, que o prof. Serafim da Silva Neto chama "crioulo" ou "Semi-crioulo"; 3) a "lingua geral" usada pelos mamelucos e pelos brancos em suas relações com o indígena. Dêstes três aspectos conclui-se que, ao lado da lingua importada pelos colonizadores e por êles conservada, eram usadas a encontrada entre os indígenas na faixa costeira e uma formação bilingue, que facilitava os entendimentos entre o luso e o aborigene.

Da importância da "lingua geral", assim chamado o tupi falado pelos grupos indígenas encontrados no litoral, conhecem-se depoimentos acêrca do seu uso quase corrente, principalmente em certas áreas, como São Paulo, ou Amazônia, ou Maranhão, onde a influência indígena foi mais relevante. Do padre Vieira, por exemplo, é a referência de que "a lingua que nas ditas familias (refiria-se às familias dos portuguêses) se fala é a dos indios"; o que modernamente é ratificado pelas pesquisas de Sérgio Buarque de Holanda, ao dizer que da documentação coeva se deduz que o uso da lingua geral, principalmente entre as mulheres, teve caráter quase exclusivista. Foi, pois, essa "lingua geral" o melhor veículo das relações transculturativas.

Outro aspecto que merece salientar-se, no estudo da lingua portuguesa no Brasil, diz respeito à influência do mestiço nesse processo. O papel do mestiço, de grande importância na história social e nas relações culturais, de modo geral, também na linguagem exerceu fundamental influência. Sua participação na composição social reflete-se, igualmente, nas alterações do tipo de linguagem.

Uma frase do livro a que me venho referindo, me parece — com a devida licença a um pobre desconhecedor do português ou de linguística — muito genérica: "no português brasileiro não há, positivamente, influência de linguas africanas ou amerindias". Admite o prof. Serafim da Silva Neto que houve apenas "cicatrizes" oriundas da aprendizagem de indígenas e negros em relação ao português. Parece, entretanto, que essa afirmativa não deve ter um sentido tão amplo a ponto de negar-se absolutamente a participação do indígena ou negro na transculturação linguística.

Em seu tempo, mestre João Ribeiro salientava a importância das alterações introduzidas pelo negro na lingua portuguesa; alterações que, a seu ver, "não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos; ao contrário, são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma" (Dicionário Gramatical, 3.ª ed. 216/217). Quanto ao indígena, sabe-se que o lusitano teve de aceitar de sua lingua, embora dominando-a e vencendo-a por fim, contribuição bem expressiva; é certo que o português sobrepujou o tupi no choque cultural, em face de não satisfazerem totalmente as expressões linguisticas do tupi às necessidades sociais da nova situação cultural criada. Por outro lado, rendeu-se o português à aceitação de têrmos ou expressões oriundas de necessidades locais ou de ambiente, que lhe eras estranhas.

Pequenas contribuições que se podem acrescentar às observações do prof. Serafim da Silva Neto, permito-me oferecer aqui: o uso de "mim" como sujeito de orações infinitas (para mim comer) é inteiramente desconhecido em Pernambuco e nas Alagoas; o "reinar" no sentido de fazer travessuras, ou traquinadas, não persiste apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo; mas é comum, constante, quotidiano, no Nordeste, particularmente em Pernambuco e nas Alagoas.

Uma leitura atenta de "Introdução ao estudo da lingua portuguêsa no Brasil", permitirá ter-se uma visão completa, bem documentada e esclarecedora, de como se processou a formação do português do Brasil, através do contato e da interação entre os grupos humanos. Uma leitura, aliás, que se torna lucrativa, pelo muito que se aprende, com os esclarecimentos oferecidos em tôrno dos aspectos peculiares das relações de linguística verificadas em nosso pa[illegible]

EM RITMO PROFANO

ATTILIO MILANO

Eu disse ao fruto:
O poêma tem seu tempo de amadurecer.

Eu disse ao padre:
Meu amor eu o criei como um deus,
vem de antes do princípio e não finda com o fim...

Eu disse à música:
Se te põem palavras, matam-te!

Eu disse ao leitor:
Os meus poemas deverão ser traduzidos na
[lingua original

Eu disse aos quatro ventos:
Tragam-me um violoncelo, moro longe das ondas.

Eu disse ao Antônio:
Esqueceste-a nos braços de outra? Ingrato!
Ela chora por ti nos braços de outro...

Eu disse ao dedo grande do pé:
Pior do que um poêma em prosa,
só a poesia rimada.

Eu disse à encruzilhada:
Depois do não e antes do sim, falta-lhe pôr
um talvez que talvez seja o melhor do amor...

Eu disse à ampulheta:
Basta um instante para eternizar uma desgraça!

Eu disse ao album:
Nesta página esperas pelo poeta.
vou poluir-te com o meu pensamento?!

Eu disse à consciência:
Sou a caricatura de um monstro,
tenho um vício de cada grande home

Eu disse ao amigo:
Tens de sobreviver-me para narrar a verdade.

Eu disse à geografia:
Weimar não devia existir depois da morte de
[Goethe

Eu disse à pátria:
Os homens se assenhorearam de tuas terras
para transformar-te, ó minha mãe! em minha
[madrasta...

Eu disse ao pensamento:
Liberdade é a da lâmpada apagada...

Eu disse ao crime:
Vem receber o prêmio da publicidade

Eu disse à virgula:
Salta do meu discurso, sua gaga!

Eu disse ao domingo:
Que fadiga ter de descansar...

Eu disse à janela:
Chove:
as estátuas tomam banho.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

S. ELIOT

I

Porque não espero mais voltar
Porque não espero
Porque não espero voltar
Invejando dêste homem o dom, daquele a méta
Não me empenho mais no empenho de tais coisas
(Por que abriria as asas a velha águia?)
Por que o lamento
Sôbre o poder extinto de um reino banal?

Porque não espero mais
Conhecer a glória frágil da hora positiva
Porque não creio mais
Porque sei que nada saberei
Do único poder transitório e verdadeiro
Porque não posso beber
Lá, onde as árvores florescem e as fontes correm, pois
[nada retorna.

Porque sei que o tempo é sempre tempo
E o espaço é sempre e ùnicamente espaço
E que existir é existir apenas algum tempo
Num espaço limitado
Alegra-me que as coisas sejam o que são
E renuncio a voz
Porque não espero mais voltar
E então me alegro, tendo de construir algo
De que me possa alegrar.

E rogo a Deus que de nós se compadeça
E rogo a Deus para esquecer
Essas coisas que discuto demais comigo mesmo
Que explico demais
Porque não espero mais voltar
Respondam estas palavras
Pelo já feito que não mais se cumprirá
E que o pêso da sentença não caia excessivo sôbre nós.

Porque estas asas não são asas para voar
Mas ventiladores que se agitam no ar
O ar confinado e agora enxuto
Mais confinado e enxuto que a vontade
Ensinai-nos o desvêlo e a indiferença
Ensinai-nos o repouso mudo

Orai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte
Orai por nós agora e na hora da nossa morte.

II

Senhora, três leopardos brancos sob um zimbro
Repousavam ao frescor do dia, fartos
De meu corpo, fígado e coração e pelo que enchera
A esfera ôca do meu crânio. E disse Deus
Viverão êstes ossos (agora secos) pôs-se a murmurar:
Por causa da bondade desta Dama
Por sua beleza e porque
E a venera a Virgem meditando
Reluz nossa brancura. E eu que estou aqui dissimulado

Consagro a minha ação ao esquecimento e ao meu amor
Aos filhos do deserto e aos frutos secos.
E' isto que preserva
Meus olhos e vísceras e as partes indigestas
Que as feras rejeitaram. Afastou-se a Dama vestida
[de branco
Afastou-se orando vestida de branco.
Ai, que a brancura dos meus ossos resgate o esque-
[cimento.
A vida os desertou. E como me esqueceram
E como quis que me esquecessem, assim quisera es-
[quecer

Concentrado em devoção. E disse Deus
Profetiza ao vento, ùnicamente ao vento que sòmente
O vento poderá ouvir. E os ossos cantaram
Com o refrão dos grilos, murmurando:

Senhora dos silêncios
Tranquila e desolada
Dilacerada e íntegra
Rosa da memória
Rosa do esquecimento
Desde agora o Jardim
Onde todo amor termina

Do amor insatisfeito
E o tormento ainda maior
Do amor já satisfeito
Fim do infindável
Viagem sem têrmo
Conclusão de tudo
O ilimitado
Voz sem palavra
Louvemos a Mãe
Pelo Jardim
Onde todo o amor termina.

Sob o zimbro cantavam os ossos esparsos e brilhantes
Alegramo-nos de estar assim disseminados
Pois bem algum fazíamos uns aos outros. Sob a árvore
Ao frescor do dia, com a bênção da areia
Esquecendo-se uns dos outros e a si mesmos
Reunidos na quietude do deserto. Eis a terra
Que dividireis segundo a sorte. Mas unidade
E a divisão não importam. Eis a terra. E' esta a nossa
[herança.

III

Na primeira volta da segunda escada
Estava a janela entumecida como um figo
E além do espinheiro branco e da cêna pastoril
Do azul e verde, a silhueta de espáduas vigorosas
Encantavam a primavera com uma flauta antiga.
E' doce o cabelo em desalinho, cabelo castanho jogado
[sôbre a boca,
Cabelo castanho e lilás.
Esquecimento, música de flauta, gamas sonoras e pas-
[sos do espírito na terceira escada
Mais longe, mais longe, esfôrço além da esperança ou
[desespêro
Subindo a terceira escada.

Senhor, eu não sou digno
Senhor, eu não sou digno mas dizei Vossa palavra.

IV

Quem andou entre violeta e violeta
Quem andou entre
As várias filas de vários verdes
Vestindo azul e branco, as cores de Maria,
Falando coisas banais
Sabendo e ignorando a dor eterna
Quem uniu seu passo ao outros passos
Quem tornou fartas as fontes e as nascentes frescas

Tornou suave a dura rocha e firme a areia
De azul côr de pervinca, azul côr de Maria,
Sovegna vos.

Aproximam-se os anos que arrebatam
O som de flautas e violinos, restituindo
A que anda no tempo entre o sono e a vigília
Envolta em alvas dobras de luz, em alvas dobras.
Aproxima-se o novo ano, restituindo
Sob a nuvem de lágrimas, o ano, restituindo
Num verso novo a rima antiga. Redimindo
O tempo. Redimindo
A visão estranha do mais alto sonho
Unicórneos ornados levando o féretro de ouro.

O deus do jardim abandonou a flauta
Emudecida. Além, a silenciosa irmã
De veu branco e azul, entre os ciprestes,
Inclina a fronte, acena, mas não diz palavra.

Mas a fonte jorra e canta o pássaro
Redimindo o tempo, redimindo o sonho
Testemunha da palavra inaudita, impronunciada
Até que o vento
Acorde mil murmúrios no cipreste.

Depois dêste nosso exílio.

V

Se a palavra perdida perdeu-se e esgotou-se a palavra
[prodigada
Se a palavra inaudita, impronunciada
E' impronunciada, inaudita
Sempre é a palavra impronunciada, a Palavra inaudita,
A Palavra sem palavra, a Palavra
Dentro do mundo e para o mundo;
E a luz brilhou na treva e
Contra o Mundo o inquieto mundo ainda girou
Em torno da Palavra silenciosa.

O' meu povo, que te fiz eu?

Onde será encontrada a palavra, onde invocada?
Não aqui, pois não há bastante silêncio
Nem sôbre o mar ou sôbre as ilhas,
Ou sôbre o continente, quer seja terra fértil ou deserta
Para os que andam na treva
Seja dia ou seja noite
Não há espaço ou tempo verdadeiros
Não há espaço de graça para os que evitam a face
Nem tempo de alegria para os que andam no ruído
[renegando a voz.

Rezará a irmã velada por aqueles
Que andam na treva, que te escolheram e te resistem
Divididos entre tempo e tempo, estação e estação,
Hora e hora, entre palavra e palavra, poder e poder
E que esperam na treva? Rezará a irmã
Pelas crianças paradas no limiar da porta
E que se não querem ir e não podem rezar:
Orai pelos que escolheram e que resistem.

O' meu povo, que te fiz eu?

Rezará a irmã velada, entre ciprestes
Esguios, por aqueles que a ofendem
Pelos atemorizados que se não podem render
E afirmam o mundo, renegando as rochas.
No último deserto entre as últimas rochas,
O deserto no jardim, o jardim no deserto
Da sêde, os lábios cuspindo a semente da maçã murcha.

O' meu povo.

VI

Ainda que não espere mais voltar
Ainda que não espere
Ainda que não espere voltar

Hesitando entre o proveito e a perda
Nesta breve passagem onde cruzam sonhos
Nesta penumbra cortada de sonhos entre o nascimento
[e a morte
(Pai, abençoai-me) ainda que não deseje o desejo de
[tais coisas
Pela janela aberta, sôbre a margem de granito,
Singram velas brancas, asas brancas ao largo,
voando, intactas.

E o coração perdido se enrijece, rejubilando-se
No jasmim perdido, nas vozes perdidas do mar
E o espírito débil se anima para rebelar-se
Porque a hasta dourada vergou e perdeu-se o perfume
[do mar
Se anima e quer recuperar
O grito da codorniz, a torâmbola adejante
E o olhar cego torna a criar
Formas ôcas entre as portas de marfim
E o cheiro renova o sabor de sal e areia.

Eis o tempo da tensão entre a morte e o nascimento
O lugar da solidão onde três sonhos se cruzam
Entre rochas azuis
Mas quando as vozes sacudidas do cipreste se perdem
Que outro cipreste sacudido possa responder.

Irmã bendita, mãe santa, espírito da fonte, espírito
[do jardim,
Não permiti que nos enganemos a nós mesmos, fal-
[samente
Ensinai-nos o desvêlo e a indiferença
Ensinai-nos o repouso mudo
Mesmo entre estas rochas.
Nossa paz em sua vontade
E mesmo entre estas rochas
Mãe, irmã,
Espírito do rio, espírito do mar,
Não permiti que eu esteja só

E que meu grito chegue a Ti.

(Tradução de Dora Ferreira da Silva)

PANORAMA LITERÁRIO



O último livro de Camus

Sob o título "Achéelles", Albert Camus acaba de reunir em volume alguns de seus editoriais do "Combat" e uma série de textos inspirados por acontecimentos atuais e aparecidos anteriormente. Essas crônicas nos permitem, pois, seguir de 1944 a 1948 a evolução política de um espírito que é, sem dúvida, dos mais dignos de interesse da França moderna.

Falecimento de um grande romancista alemão

Faleceu, ultimamente, em Zurich, na Suiça um dos maiores romancistas alemães conteporaneos: Ernest Wiechert. Nascera ele em 1887, na Prússia Oriental, filho de um guarda florestal, vivendo a infancia num ambiente campesino, que lhe inspirou a tendencia da maior parte dos seus romances. Wiechert foi um espécie de Jean Giono alemão, pregando uma espécie de retorno à natureza, e eximindo-se, sobretudo, na descrição de ambientes rurais. Muitos dos seus livros estão traduzidos para o francês. Tendo permanecido até 1945 sob a vigilancia da Gestapo e proibido de sair da Alemanha, desde então passou a residir na Suiça.

Correio de Paris

Um Congresso de Psicanálise

Encontram-se presentemente em Paris os grandes inventores de testes mentais que aqui se reunem para tomar parte no Congresso de Psicanálise a realizar-se dentro de breves dias. Já foi assinalada a presença dos seguintes psicanalistas: Bleuler, Nylsen, Guerra, Ana Freud — esta, filha de Sigmund Freud — e Kretchner.

André Breton passará pelo Rio

André Breton, o homem que juntamente com Aragon e Senrault, lançou as bases da pretensa escola surrealista, está de partida para o Chile, devendo permanecer alguns dias no Rio de passagem.

Exposição de quadros loucos

Em aditamento ao Congresso Internacional de Psiquiatria que se realiza atualmente em Paris foi inaugurada uma exposição de pinturas de loucos em "St. Anne". E o que ha de espantoso nessa exposição é a maior parte das telas não terem nada de espantoso, testemunhando uma habilidade plástica notável e um gôsto seguro.

Montherlared e as mulheres

Montherlared reconciliou-se com as mulheres. Chegou à conclusão de que existem, apesar de tudo, mulheres que os homens podem amar. Sua próxima peça denomina-se: "Celes quion prend entre ses heros". A leviana é uma "vierge forte" que enfrenta, durante os três atos, o assalto de um velho sedutor patenteado. E não perderá ela sua fôrça de alma senão no fim da peça.

Um filme premiado

O menos máu filme francês do ano, contemplado com o prêmio Veneza e intitulado "Justiça foi feita", tem como assunto a injustiça de tôda a justiça. Trata-se, na superficie, do problema da eutanásia. A história é focalizada não do ponto de vista da acusação e da defesa, mas do ponto de vista dos jurados. Nós os vemos na intimidade da vida privada e lhes acompanhamos as reações até o momento da sentença.

As obras de Celine são liberadas

Já se começa a reeditar Louis Ferdinand Celine, que se acha exilado na Dinamarca e cujas obras foram proibidas de circular na França. A primeira reedição a ser feita foi a de "Cosse-Pige". Seguir-se-á, logo, a de "Mort'a credit".

O último livro de Malraux

Malraux publicou o terceiro volume de sua "Psychologie de l'Art", intitulado: "La Monnail de l'Absolu" e que foi considerado o melhor livro francês de 1950. Sôbre a nossa civilização Malraux profere êste terrivel julgamento: Sobre tôda a terra que ela conquistou não soube construir nem um templo nem um túmulo".

Monnerot e Albert Beguin

Consta que Jules Monnerot e Albert Beguin irão logo ao Brasil para uma temporada de conferências.

Novo livro de Péricles Eugênio da Silva Ramos

O poeta Péricles Engênio da Silva Ramos, um dos mais legitimos valôres da moderna poesia paulista, vai publicar, próximamente, nova coletanea de versos, sob o título de "Obscura Efigie". O jóvem poeta bandeirante foi contemplado, em 1947, com o Prêmio "Fábio Prado" de poesia, por seu livro "Lamentação Floral".

Charles Maurras já escreveu mais de vinte livros na prisão

Há seis anos, desde que se encontra encarcerado, Charles Maurras não tem cessado de escrever. Encontra-se êle aos oitenta anos de idade e sob pseudonimos, fornece regularmente artigos ao jornal que sucedeu "L'Action Française". Assegurar-se não ter êle produzido, nesse espaço de tempo, menos de vinte volumes de prosa e verso, inclusive uma obra que vai aparecer sob pseudonimo, com o título de "Mont de Saturne", trazendo a indicação de tratar-se de um "conto moral, mágico e policial".

Intelectual peruano no Rio

Chegou ao Rio domingo último, o sr. Aurélio Miró Quesada, intelectual peruano decano da Faculdade de Letras do seu país, fundador e diretor da conhecida revista continental de cultura literária e histórica intitulada "Mal del Gur".

"Letras da Provincia"

O número 21 de "Letras da Provincia", a bem feita publicação de arte e literatura, que se edita em Limeira, sob a direção do escritor João de Souza Ferraz, já se encontra em circulação, estampando colaboração variada e interessante. O presente número é correspondente ao mês de Setembro.

Gulliver e Swift

Enquanto a Editora Globo anuncia para breve uma edição integral das "Viagens de Gulliver" (que até agora só apareceu no Brasil em adaptações para a juventude), com um estudo introdutório de Eugênio Gomes — na Inglaterra continuam a sair monografias consagradas à personalidade complexa de Swift. A última delas, "The Conjured Spirit Swift" (The Hogarth Press, Londres) é obra de Evelyn Hardy, já conhecida pela sua biografia de John Donne. Pela primeira vez, uma mulher se atreve a abordar o assunto delicado das relações de Swift com as duas mulheres dominantes de sua vida, Stella e Vanessa. A infelicidade dessas relações é frequentemente apontada como o motivo principal da frustração sentimental de Swift. O livro de Miss Hardy é uma tentativa de biografia psicológica e, através do estudo da personalidade do autor, eslarece vários aspectos de sua obra complexa.

Euclides — engenheiro em Lorena

O sr. Alves Mota Sobrinho, o jovem escritor paulista, autor de "Bola Preta" e "Provincia", livros de contos que foram tão bem recebidos pela crítica, realizou, ultimamente curiosas pesquisas sôbre uma fase pouco conhecida da vida de Euclides da Cunha: os dois anos de permanência do escritor em Lorena, como engenheiro de obras públicas do Estado. Ouvindo algumas testemunhas da época como o dr. Gama Rodrigues, Mota Filho logrou fazer uma curiosa reconstituição da atividade de Euclides naquela cidade do vale do Paraíba. Oportunamente, ofereceremos aos nossos leitores um substrato desse curioso trabalho.

"Acaica"

Já se acha em circulação o novo número, o 20º. da revista ""Acaica", que se edita em Belo Horizonte, sob a direção do sr. Celso Brant e secretaria de Sebastião Noronha. O presente número é dedicado ao 25.o aniversário de fundação da Sociedade de Concertos Sinfônicos da Capital mineira.

O movimento editorial de poesia nos Estados Unidos

A "Publishers Weekly", revista dos editôres americanos, acaba de publicar um inquérito sôbre a situação da poesia nos Estados Unidos. Dela se conclue que, enquanto em muitos paises, mil exemplares constituem uma boa média de venda para livros de versos, os editores americanos não se desencorajam de publicar tais livros achando que eles se fazem pagar pela renda de outros.

Entre os poetas vivos, John Mansfield, Edna Soint Vicent, Carl Sandburg; T. S. Eliot e Robert Frost são os mais lidos. Os "Poemas Completos", de Frost atingiram 11 mil exemplares. Os livros de Frost, na sua totalidade, já chegaram, aliás, a uma tiragem de 259 mil exemplares, em edição original, desde o aparecimento do primeiro em 1914.

As cifras do "Publishers Weeky" indicam igualmente, não existir uma média de venda para livros de poesia nos Estados Unidos. Tais obras ou se vendem muito bem ou não se vendem absolutamente.

Novo livro de Constantino Paleólogo

Constantino Paleologo, o jovem e vitorioso ficcionista de "Histórias Veridicas" e "O Homem Perdido", o ensaista de "Eça", vem de publicar mais um interessante trabalho sob o título de "Machado, Pöe e Dostoiewski". O novo volume de ensaios do escritor fluminense foi lançado em cuidada edição da "Revista Branca".



Inéditos de Tobias Barreto

Numa famosa carta auto-biográfica publicada numa poliantéa organizada em 1922, em Sergipe, Tobias Barreto dizia: "Tenho inéditos os seguintes trabalhos: "Ares de Pernambuco", "Questões do nosso tempo" e uma "História da literatura brasileira durante o 2.º Reinado". Dessa história, que devia ser interessantissima, ninguém, porém, teve até hoje noticia.

Contemplado com o maior premio italiano de poesia o poeta Luigi Fiorentino

O poeta Luigi Fiorentino, Diretor da revista italiana de arte e literatura "Ausonia", e colaborador de "Letras e Artes" foi, recentemente, contemplado com o "Prêmio San Pellegrino", — o mais importante prêmio de poesia da Itália, no valor de 200 mil liras, por seu poema. "E gli nomini caminano". Presentes altas personalidades da literatura, da arte e da política, o grande poeta moderno italiano recebeu a disputada laurea a 26 do mês passado, em concorrida solenidade.

A Comissão que julgou os trabalhos que disputaram o "Prêmio San Pellegrino" constituiu-se dos escritores e poetas Franscesco Flora, Lionello Fiumi, Mario Venditti, Giuseppe Lipparini, Lorenzo Giusso, Giuseppe Villaroel, Paolo Buzzi, Giorgio Ferrante, Ubaldo Riva Lionetto Gamerra, G. P. Galizzi e Sindaco di San Pellegrino.

O poeta Luigi Fiorentino nasceu em Mazara del Vallo (Trapani), a 13 de fevereiro de 1913. Vive em Siena, onde dirige, há cinco anos,



Luig[illegible]tino

a revista inte[illegible]de literatura e arte "A[illegible] Na ultima grande guerra [illegible] ocupou o posto de Ca[illegible] artilharia, tendo lutado [illegible] os alemães; foi internado sucessivamente na Polônia e na Alemanha.

Poeta de fina sensibilidade e de acento vagamente impressionista, situa-se hoje entre as mais poderosas vozes poéticas da Itália de após-guerra. Entre seus mais recentes trabalhos destacam-se "Cavalli 8, nomini..." uma viva e nervosa narrativa do drama dos italianos internados na Polônia ocupada pelos nazista e "Scalata al cielo", volume de poemas que conquistou, em 1949, o Prêmio "Isola d'Elba". Seus versos acham-se traduzidos para o francês, ó espanhol, o português, rumeno, búlgaro, alemão, etc.

Em seu livro ora laureado Luigi Fiorentino atinge aquela sintese de classissismo e modernidade propugnada pelo ausonismo", a corrente literária italiana que tem como seu principal órgão a revista "Ausonia".

Novo livro de Luigi Fiorentino, que aparecerá sob o título de "Poemas escogitos", está sendo anunciado para breve lançamento pela casa editora "La Isla".

Notícias de Portugal

Em separata da revista "Portugalia" acaba de apare[illegible] a obra de Fernando Pessôa "Preconceito da ordem", an[illegible]tada por Alvaro Bordalo.

x x x

José Osório de Oliveira, nome tão conhecido no Bras[illegible] publica um novo livro: "Visão completa de meio século [illegible] Literatura Portuguêsa".

x x x

No Kings College, do Teatro Universitário de Londr[illegible] foi representada, com grande êxito, a peça de Miguel To[illegible] "O Mar".

Novo livro de poêmas de Edson Regis

Está sendo esperado com interesse fora do comu[illegible] o segundo livro de Edson Regis, "As Condições Am[illegible]bientes". Estreando o ano passado com "O Deserto [illegible] os Números", foi Edson Regis saudado unanimemen[illegible] como uma das mais destacadas revelações liricas [illegible] momento. Seu novo livro já estava pronto para entr[illegible] no prelo, tendo o poeta no entanto achado convenie[illegible] te sustar a edição para substituir alguns poemas q[illegible] a seu ver, não mais se situam na sua linha estéti[illegible] atual — o que é uma demonstração de autocritica n[illegible] muito frequente entre nós, e torna ainda mais represe[illegible]tativo o volume que Edson Regis está prestes a lança[illegible]

Mauro Mota no "Diário de Pernambuco"

[illegible]Merece ser notada a atuação do poeta Mauro Mota [illegible]suplemento literário do "Diário de Pernambuco", de [illegible]ife. O velho órgão da imprensa nordestina possui [illegible] um suplemento dominical dos mais interessantes, [illegible]lecionado a capricho, devendo-se realçar a oportu[illegible]dade que Mauro Mota está dando a gente nova, in[illegible] do interior, tendo aberto duas colunas, "Coluna [illegible] Novos" e "Coluna dos Municipios", com êsse fim [illegible]sivo. A última página, além das excelentes cola[illegible]ções, traz farto material informativo bem ilustrado. [illegible]cando-se a crônica assinada pelo poeta, das me[illegible] que aparecem nas edições domingueiras. Com [illegible] Regis no "Diário da Manhã" e Mauro Mota no [illegible]ário de Pernambuco", o Recife conta agora com [illegible] autênticos valores novos ao leme de seus suple[illegible]ntos literários.

Salvador Dali vai abandonar a pintura

Salvador Dali, que se encontra atualmente na Espanha, [illegible] há pouco, em Madrid, a montagem cenografica do [illegible] Juan Tenório", de Zorilla, na qual vestiu os herois com [illegible] de animais. Ao mesmo tempo, acaba de declarar a um [illegible]alista o seu proposito de abandonar definitivamente a [illegible]tura, para iniciar a carreira de escritor. E já se anuncia [illegible] estreará ele nessa nova atividade com um guia turistico, [illegible] qual devemos esperar as maiores surpresas.



Ilustração para "David Cop[illegible]d", de Dickens — PHIZ

"O Livro de Lourdes"

Em edição fora do comércio, aparecerá, em breve, "O Livro de Lourdes", volume de poemas de Domingos Carvalho da Silva, o magnífico poeta de "Rosa Extinta" e "Praia Oculta". Do mesmo autor, encontra-se no prelo da companhia Editôra Panorama, de São Paulo, o ensaio "Introdução às Poesias Completas de Rodrigues de Abreu".

Da récisão disciplinar e sua natureza jurídica

O escritor Pizarro Drumond, no concurso à carreira de Técnico de Administração do Departamento Administrativo do Serviço Público, a que concorreu, apresentou interessante tese, que acaba de ser publicada sob o título de "Da decisão disciplinar e sua natureza jurídica". Bacharel em direito e escritor de estilo acessível e de agradável leitura, José Eddardo Pizarro Drumond pôde apresentar trabalho bem escrito e perfeitamente fundamentado face à legislação que regula a matéria objeto da tese em apreço.

Novo livro de Raymundo Souza Dantas

O romancista Raymundo Souza Dantas, um dos escritores mais destacados de sua geração, depois de ter publicado o seu romance "Solidão nos Campos", vai agora lançar um livro de ensaios sobre Erico Verissimo e outros escritores brasileiros.

O primeiro volume do Clube do Conto

Está sendo distribuido aos seus assinantes o 1.º volume do Clube do Conto, desta capital, reunindo os trabalhos publicados, em opúsculos, de Março a Agosto deste ano. Como se sabe, o Clube do Conto, instituição dirigida por escritor Constantino Paleólogo, publica, semanalmente, um conto de autor consagrado, distribuindo-o aos seus associados. Agora, foram reunidos os vinte e quatro contos divulgados até o presente em elegante volume de mais de trezentas páginas.

Os "cadernos intimos" de Upton Sinclair

O escritor americano Upton Sinclair ofereceu os "cadernos intimos", que mantem há mais de 50 anos, ao Museu de Chicago. Receia que eles venham a ser destruidos pela futura guerra atomica. — Não daria esses cadernos — declara o escritor — por cem milhões de dólares. E' por eles somente que tenho alguma possibilidade de sobreviver.

Mais uma livraria que se fecha

A Livraria Askanasy, à rua da Quitanda, que vendia, ao mesmo tempo discos e quadros, acaba de encerrar suas portas, liquidando todo o seu estoque com abatimento de 50 por cento. O fato não resultou, porém da crise do livro e sim, segundo declaração do proprietário, da necessidade da entrega do prédio.

"Guerra dentro do beco"

Em nosso número anterior saudávamos o lançamento da "Obra Poética" na qual Jorge de Lima reuniu toda a produção lírica de sua existência. Agora, anunciamos a próxima publicação de "Guerra dentro do Bêco", seu novo romance, que se encontra no prelo da Editora A Noite. Trata-se de uma obra de maturidade, em que uma técnica ousada sustenta uma apaixonante narrativa. Os altos méritos intelectuais do grande poeta e prosador brasileiro mais uma vez se confirmam nas páginas tensas desse romance.

Procurando uma ilha

Deve haver muitas pessoas desejosas de afastar-se da companhia de seus semelhantes e ir viver numa ilha, uma vez que Donald Mc-Cornick achou negocio escrever um livro "Islarid", que o editor Peter Garnett, de Londres, acaba de anunciar. O livro conterá uma lista completa de todas as ilhas do mundo por alugar ou vender.

Autor de 20 romances

A uma de nossas editoras, chegou há alguns dias uma proposta que não pode ser aceita: o missivista oferecia, para publicação imediata, nada menos do que 20 romances inéditos. Ao que apuramos, o autor reside em Belém do Pará. De qualquer maneira, há um mistério literário que deveria ser esclarecido. Já pensaram os leitores o que seria para a nossa literatura, caso os 20 romances tivessem um alto mérito intelectual, e seu autor hoje inédito fosse realmente uma importante revelação romanesca?

"Algumas observações sôbre o emprêgo do ferro por via intravenosa no tratamento das anemias hipocrômicas da gravidez"

O conhecido obstetra carioca sr. dr. Antonio Campos Bouças acaba de publicar, em separata, da "Revista de Ginecologia e D'Obstetricia", a conferência que pronunciou na Sociedade de Estudos Médicos do Rio de Janeiro a 13 de Abril do ano em curso sobre o tema "Algumas observações sobre o emprego de ferro por via intravenosa no tratamento das anemias hipo-crônicas da gravidez". Trabalho escrito com clareza de linguagem e profundo conhecimento do assunto. Interessa ele, sobremaneira, aos especialistas e à classe médica em geral.



Um livro de crônicas

Editado em João Pessoa, acaba de aparecer o livro "31 histórias do Arco da Velha", crônicas de Juarez Batista. O autor comenta com humor e malicia acontecimentos da hora presente, revelando uma atitude de tolerância meio risonha ante os fatos. Figuras, paisagens, flagrantes sociais, livros, tudo passa por essas páginas numa espécie de kaleidoscópio, através do olhar de um observador sagaz.



Uma peça sôbre Balzac

O escritor pernambucano José Carlos Cavalcanti que em "Neklina" e "Padrão G" revelou singulares dotes de contista, acaba de escrever a "Comedia de Balzac" peça em que apresenta o grande romancista nos episódios mais movimentados e curiosos de sua existência. Segundo suas próprias declarações, o dramaturgo encontrou materia prima para essa obra no "Vida de Balzac", de Paul Rónai, incluida no 1º volume da edição brasileira da "Comedia Humana".

Edições "Orfeu"

Apesar de nada ter lançado nos ultimos, meses, nem mesmo sua revista, o grupo de "Orfeu", está preparando o que poderiamos chamar de uma ofensiva geral de lançamentos, destacando-se seu "Panorama da Nova Poesia Brasileira", antologia poética da geração de 1945, "Um homem no vento", poemas de José Paulo Pais, "A rosa da esperança", poemas de Bandeira Tribuzzi, "Prisma", poemas de Fred Pinheiro e outros volumes. Quanto ao "Panorama da Nova Poesia Brasileira", pela sua fartura gráfica, seu critério de organização e seus objetivos de espelhar em mais de 300 páginas o roteiro poético de uma geração, será sem dúvida importante acontecimento da presente temporada literária. Seu lançamento será em Novembro.

Curiosidades Literárias

Uma resposta de Gregorio de Matos a Rocha Pita

O historiador Rocha Pita, autor do famoso panegérico, intitulado "História da America Portuguêsa", e que morava na Bahia, quando Gregório de Matos lá vivia, fez amizade com êste, e um dia, encontrando-o na rua, disse-lhe que estava fazendo um longo poema e pediu-lhe uma rima para "mim".

— Ponha "capim" — observou, logo Gregório de Matos.

Rocha Pita saiu furioso e rompeu com o poeta.

Laurindo Rabelo e a roupa nova

Quando estudante, na Bahia, o poeta Laurindo Rabelo não foi convidado para um baile, como veio a saber, porque na ocasião seu vestuário já reclamava substituto. Mais tarde, mudando de traje, recebeu o convite adiado, que foi amavelmente aceito. Já a festa começara e tanto os donos da casa, como os convidados se impacientavam com a ausência do poeta, quando batem à porta. Correm para receber o retardatário, mas o que vêm é entrar num tabuleiro, nas mãos de um moleque, a roupa nova de Laurindo Rabelo com êstes dizeres:

—"Ai vai o Laurindo".

Uma perfídia de Byron com seu editor

Uma curiosa historieta foi divulgada, ultimamente, a propósito das relações de Byron com o seu editor Murray. Byron presenteou certa vez Murray com um belo exemplar da Biblia em magnífico papel e luxuosamente encadernado. Folheando-o, um belo dia, o editor encontrou, na narrativa da Paixão uma palavra rabiscada entre duas linhas de um versiculo. O texto dizia: "Ora, Barrabás era um ladrão..." Byron havia riscado a palavra ladrão, substituindo-a por editor.

A história não acrescenta se o editor protestou ou se teve bastante humor para relevar a brincadeira.

A sorte e o êxito

Uma jovem artista preguntava, recentemente, a Jean Cocteau:

— Acredita o senhor na sorte?

— Se acredito?... Sim, creio. E' a única explicação para o êxito das pessôas que nos são antipáticas.

Os espêlhos deviam "refletir"

Ainda esta de Cocteau. Na sua última vilegiatura na Côte d' Azur, vendo uma banhista que se contemplava com certa apreensão num espelho, observou:

— Os espelhos andariam bem em "refletir" um pouco antes de refletir as imagens.

Os defeitos de um escritor

— Quais os defeitos que um escritor mais deve temer? — perguntou, recentemente, um leitor inglês a Aldous Huxley?

— Os únicos defeitos perigosos para um escritor — respondeu o autor de "Contraponto" — são aqules que êle pode tomar por suas qualidades.

NOS BASTIDORES DA LITERATURA

CONVERSANDO COM ANACREON, O LIVREIRO BIBLIOFILO AMIGO DOS BRASILEIROS — REVELAÇÕES INDISCRETAS

LOUIS WIZNITZER

PARIS — outubro — Via "Air France" — O mundo literário tem também seus bastidores por onde circulam os "potins" e as pequeninas perfídias tramam-se as intrigas e nascem por vezes, as idéias. Na "rive gauche", numa espécie de porão da rue de Seine, existe uma livraria sòmente especializada em edições originais. Ha cinco anos, quando estudava na Sorbonne, eu já tinha travado conhecimento com o livreiro, que depois se tornou grande amigo de Schmidt, de Santiago Dantas, de Otavio Faria. Não somente êle lhes descobre os livros mais raros e preciosos, como os inicia nos mistérios de Paris, fazendo-os encontrar-se com grandes escritores. É que Anacreon — tal o seu nome — é um dos melhores amigos de Colette, foi grande amigo de Valery, continua a ser confidente de Leautaud, de Carco, de Pierre Mac-Orlan, de Jouhandau, de Móntherland e Cocteau. Costumam êles reunir-se nessa pequena livraria e ali se deixam ficar em íntima palestra, revelando os respectivos segredos e projetos.

Cada vez que ali vou e permaneço algum tempo, vejo entrar incógnita, uma celebridade que desde que se sente em lugar seguro, tira a máscara e põe-se a brincar alegremente com a Anacreon. Gide e Malraux não desdenham êsse amavel recanto. É que ali se encontram verdadeiros tesouros, obras inencontráveis, as primeiras edições das "Fleurs du Mal", de "Une saison en enfer", de "Monsieur Teste", etc. Quase todos os volumes trazem dedicatória do autor, anotações, quando não são completadas, muitas vezes, por desenhos, aquarelas, ou versos que permaneceram inéditos. Anacreon tem milhares de lembranças, de anedotas, de histórias a contar sôbre cada escritor. Conhece-lhes os hábitos, as manias, a vida privada, e se eu transmitisse aos leitores de "Letras e Artes" a décima parte do que êle me tem dito sôbre tantas celebridades iria encher muitas páginas dêste suplemento. Iria causar muitas decepções e surpresas, também. O número de cartas, documentos, autógrafos que êle possui é extraordinário. Basta dizer que deixa longe o arquivo de João Condé.

Foi Anacreon que, um dia, me levou à casa de Leon-Paul Fargue quando êste, já paralítico, recebia no leito, cercado de velhas admiradoras. Foi Anacreon quem me levou à casa de Paulhan, quando eu quis publicar o meu primeiro livro na NRF. Foi Anacreon que durante a guerra forneceu a Pierre Mac-Orlan queijo "camembert", por êle recebido do interior da Normândia. E' êle que pretende ir ao Rio, em 1951, convidado pelos seus amigos, para fazer conferências e contar suas recordações (Anacreon escreve um diário que fará sensação quando fôr publicado).

AS PRECIOSIDADES DE UM BIBLIÓFILO

Num dêstes últimos dias, encontrando Pierre Mac-Orlan e Carco reunidos na livraria de Anacreon, cantando ao som de um acordeon tirei a fotografia que ilustra esta página. As paredes são cobertas de telas e desenhos oferecidos por numerosos pintores, amigos do livreiro: Dinimont, Daragnés, Desnoyers, Dufy, Vlaminck (êste último um dos seus melhores amigos).



Anacreon ao lado de Pierre Mc. Orlan

Entrevistar Anacreon não é coisa facil; não porque êle se reeuse a falar; fala até demais, em grande parte, porém, coisas que não se podem publicar. Assim, precisamos fazer uma rigorosa filtragem nas suas confidências.

— Ocupo-me de livros raros e originais ha 18 anos — diz êle — especializei-me nesse ramo. Mas só me interessam as obras ilustradas. O senhor bem sabe que se pode ilustrar o mesmo texto de maneira diferente no intervalo de vinte, mas que o primeiro texto conservará sempre o seu valor.

— As edições são sempre em papel de luxo?

— Em China, Japão, Holanda; mas às vezes em máu papel, em papel muito ordinário; é o que acontece, por exemplo com a primeira edição de "La Soirée avec Teste", de Valery, feita às ocultas do autor, com a violação de todos os direitos dêstes. Vêja (Anacreon estende-me a "plaquette") leia: "cette edition soi-disant originanão uma dúzia de exemplares. Este traz notas e desenhos inéle", escrito pelo próprio punho de Valery, em 1906. Não há seditos à margem. Mas o papel é ordinário.

— Ha quanto tempo existe a bibliofilia?

— Há mais de um século, mas se incrementou de uns tempos para cá e pode-se dizer que sòmente nos últimos trinta anos o comércio de edições "princeps" tornou-se uma verdadeira especialidade. Os amadores de tais livros são cada vez mais numerosos e para eu vender alguns dêsses volumes basta-me dar um telefonema. Os meus melhores clientes e maiores bibliófilos são: franceses, brasileiros, belgas, suiços, ingleses, argentinos, por ordem de importância.

DEDICATÓRIAS PRECIOSAS

— Mostre-me alguns dos livros mais preciosos que possui.

Anacreon mostra-me "Grasse Normandie" de Renillard sôbre o qual Vlaminck fez, especiatmente, 47 aquarelas, o que o torna um exemplar único. Vale mais de 50 contos. Eis um dos sete exemplares do "Cimitiére Marin", em papel China. E esta outra maravilha: uma edição original do "La fin de Cheri", de Colette. Querendo-se, recentemente, fazer uma reedição, percebeu-se que faltavam 37 páginas ñesta original e Colette escreveu as 37 páginas do seu próprio punho, para completar o exemplar de Anacreon.

O livreiro sente-se orgulhoso de mostrar essa preciosidade bibliográfica. Eis aqui os "Cahiérs d'André Walter". O próprio Gide destruiu todos os exemplares dessa primeira edição de 1891. Não restaram senão alguns SP (Service de Presse) todos com dedicatória, como o que tenho em mão. Eis ainda um dos 12 exemplares de "Si le grain ne meurt", de 1920. E algo ainda mais raro: a edição original das "Flores do Mal", composta, na realidade das três primeiras edições, pois em cada uma das três apareceram novos poemas. Contemplando essas raridades, lembro-me do poeta Jean Jenet, que roubou um dia um livro de Anacreon e não foi prêso, somente devido a intervenção do seu amigo Cocteau, que preveniu Anacreon de que se tratava de um poeta. Genet agradeceu, depois, a Anacreon numa ode:

"Toi grace a qui je ne suis pas allé en tole"...

E continuam as raridades: uma carta de Claudel, em que êle fala de Proust nestes termos: Proust parece incapaz de resistir ao transbordamento da matéria escrita que se expande de todos os lados numa espécie de proliferação espontanea. É que nos revela seu curioso processos de trabalho, as provas em que êle não cessa de intercalar novos trechos. Não é êle senhor do seu espetáculo" (Este trecho aparece pela primeira vez em "Letras e Artes"). Por aí se vê como Claudel sempre conheceu pouco os outros escritores, a não ser êle próprio...

Anacreon mostra-me ainda dedicatórias: uma de Leautaud diz: "escrever uma dedicatória hoje, em 1943, num livro publicado em 1903 é um recorde de "bonne grace", da arte de um autor que, afirmam, tem-na, geralmente, muito pouco". E esta de Colette: "com o espanto de um autor que, refratário a toda bibliofilia, não chega a ver como um livro ao qual faltam 37 páginas vale mais que um romance completo". E uma de Valery: "gosto muito desta edição do "Serpent", feita segundo minhas indicações. Leitor do poema: tome cuidado, é preciso observar, ao declamá-lo as cinco mudanças de tom que o autor pensou aí introduzir". E o presente exemplar traz, a valorizá-lo, dois versos inéditos de Valery, variantes, inéditas do "Serpent".

"Sourire qu'une abcence ado-
[rable dispose
e
"dont la belle ombre bat tes
[yeux ensevelis".

E fui obrigado a deixar tantos livros, porque não era possivel admirá-los todos.

— O senhor também edita livros?

— Editei "St. Simon", de Montherland; "Funerailles d' Adonis", de Jouhandeau: "Souvenirs", de Basoche e "Journal literaire", de Leautaud. Quatro livros até aqui e isso, graças à amizade dos autores.

ALGUMAS ANEDOTAS

— Pode-me contar algumas anedotas?

Anacreon não se faz rogar:

— Certo dia, Leautaud e Aubry (amigo de Larbaud) encontraram-se em minha livraria e eu disse a Aubry: "É verdade que é o senhor que escreve os livros do professor Mondor? Todo París o afirma", Aubry respondeu-me: "Não, meu caro, não escrevo tão mal assim!" E Leautaud, sempre perverso: "Pois quanto a mim, saiba que cada vez que recebo livros de Mondor costumo exclamar: Eis o meu caro Aubry a enviar-me um presentinho..."

Valery costumava vir sempre à minha livraria, depois do seu curso no Colégio de França. Certa quinta-feira, fomos sentar no terraço e Valery pôs-se a comer creme, quando um estudante veio solicitar-lhe um autógrafo. Valery disse já não recordar-se do "Cimitiére Marin" e pediu ao estudante para ditar-lhe o primeiro verso. Ver Paul Valery, com o bigode todo enlambusado de creme, escrevendo em plena rua o ditado de um estudante foi um episodio realmente inesquecivel.

Quanto a Gide é êle de tal maneira avaro que não procura fazer dedicatórias, capazes de aumentar para mim o valor do livro. Em "Faux-Monnayeux" escreveu somente: "Este exemplar pertence a Mr. Anacreon".

E olhe, atualmente estou colaborando num livro de Carco. Levo-o a vários recantos de París para que êle recolha subsídios destinados ao seu novo romance de costumes.

Mas Anacreon vai ao Rio, contar em pessoa suas histórias e não quero sonegar-lhe aqui as memórias. Constitui, sem dúvida, uma grande curiosidade êsse livreiro que, como Adrienne Monnier e alguns outros vivem a vida literária nos bastidores e conhecem-lhe as molas secretas. Assegura-me êle, ao nos despedirmos, que o amor do livro não diminui na França e que é mais dificil encontrar bons livros do que vendê-los. Será, pois, a época menos triste do que se imagina?...

ANATOLE E O VOCABULO CERTO

SERGIO MILLIET

Em estudo que publicou sôbre La Fontaine, censura-lhe Anatole France ao empregar, indiferentemente, "aragne" e "araignée". Endossando a opinião de Littré, observa que a "nova lingua se empobreceu e se desfigurou ao confundir a operaria com sua obra", pois no francês anterior ao século XVI "aragne" significava aranha e "araignée" a teia tecida pelo inseto. Esse exemplo, de uma exceção em Lá Fontaine, sempre atento ao exato valor das palavras, assinala com felicidade uma das mais corriqueiras falhas dos autores modernos. Dia a dia relaxa-se o estilo na sua parte vocabular e aos poucos vêm a nós o reino do mais ou menos

Os escritores contemporâneos, salvo meia dúzia de individuos positivamente "inatuais", com o que menos se preocupam é a forma. Não a forma burilamento ou arranjo harmonioso de sons e ritmos, mas a forma adequada do continente ao conteudo.

Abra-se ao acaso qualquer romance da atualidade, ou um volume de ensaios, ou de um estudo especializado. Deixando de lado os ilegiveis (a maioria), não será difícil encontrar expressões caracteristicas dêsse mais ou menos a que aludi. Se o livro é de ficção ignora o autor a terminologia necessaria a uma sugestiva descrição, ou a uma precisa analise, pois nunca se incomodou com o conhecimento do vocabulário psicológico, sociológico, científico ou simplesmente artezanal. Se o livro é de ciência, ignora o autor os segredos da sintaxe e nos impinge um tenebroso aranzel. Não quero apontar provas, para não citar nomes nem personalizar a crítica.

É ainda a propósito dêsse mesmo La Fontaine que diz Anatole France: "êle amava as palavras e sabia escolhê-lhas. Não se é escritor senão a êsse preço. As palavras são idéias. Só se raciocina com justeza mediante uma sintaxe rigorosa e um vocabulário exato... Acontece se chacinarem os homens por causa de palavras que não entendem". É então a apologia dos gramaticos e dos linguistas que faz Anatole? De modo algum. Na verdade a gramática não é um fim em si mas um instrumento de trabalho que precisamos ter sólidamente em mãos para nos exprimirmos. O erro dos gramaticos está em imaginar que tão apenas porque o dominam são escritores. Ora, para ser escritor outras qualidades se fazem imprescindiveis: imaginação, sensibilidade, mensagem a transmitir. Mas não será tão pouco escritor aquele que apenas tiver o que dizer e souber sentir a presença do mundo, como uma antena. Êsse será um bom, inteligente e sensivel leitor, eis tudo.

Não pense, igualmente, que desejo com a defesa da lingua frear quaisquer liberdades de inovação vocabular ou sintaxica. Sigo nêsse ponto o velho Montaigne, o qual achava que o vigor da expressão não se justificava tanto pelas inovações quanto pela sabedoria com que os escritores selecionavam seus vocabulos e os distribuiam na frase. Não tenho o tabú do neologismo, nem me choca demasiado o vezo regional. O que desejo é que tanto as inovações vocabulares como as novas soluções sintaxicas se justifiquem perante o espirito da lingua e decorram de uma decisão consciente. Que não sejam em suma, produtos do erro, da ignorância. Há deformações sintaxicas altamente expressivas, tal qual certa distorção no desenho. Um pronome deslocado dá por vezes a uma frase insossa uma enfase admirável. Um neologismo bem formado é mais falante do que o vocabulo consignado no dicionário. Ao escritor de talento tais licenças são permitidas. O que não está certo não parece admissivel é a desculpa da importância do conteudo, isto é, a justificação dos erros cometidos em nome do valor do conteudo.

De uns tempos para cá vem-se insistindo na expressividade da linguagem popular e atribuindo a um pretenso realismo a bagunça sintaxica. Escreve-se mal porque assim fala o povo. Em primeiro lugar a arte consiste exatamente em exprimir a fala do povo sem os seus erros, mesmo porque realismo não é reprodução pura e simples mas sintese significativa. Em segundo lugar nem tudo o que diz o povo vale pela felicidade expressiva. Para cada solução feliz mil se apresentam descoloridas, vagas, sem vigor nem força sugestiva. Sem dúvida cabe consultar o povo, e não ignorar seus achados, mas isso será principalmente recomendavel quando se tiver em mira as situações de sua intimidade. Proverbios e vocábulos atinentes a determinado ofício, por exemplo. De modo nenhum porém se deve ir ao povo para adotar a vagueza de sua expressão no tocante aos conceitos. As imprecisões serão sempre fatais e levarão a uma fraseologia incolor.

Mario de Andrade, que foi um mestre inovador, não ignorava tais perigos. Sua lingua erudita, em que pesem as mil e uma liberdades, é precisa e bem construida. Suas deformações são sempre lógicas e alicerçadas em razões talvez discutíveis mas nunca no desconhecimento da forma convencionalmente correta. Mario de Andrade desobedece, não ignora.

Uma última observação de Anatole France: "Há em poesia grandes belezas que são ao mesmo tempo belezas delicadas". Poder-se-ia parafrasear êsse conceito dizendo que há na expressão soluções vigorosas que são ao mesmo tempo soluções de sutiliza. E' pela sábia dosagem dos vocábulos decorrentes do conhecimento precioso de seus valores que melhor se externam sentimentos, emoções, idéias. Essa a função precipua do escritor.

*

Goethe e a revolução de 1830

CONTA Soret que quando rebentou na França a revolução de julho de 1830, derrubando do trono Carlos X, foi êle, Soret dar a noticia a Goethe, numa atitude de grande apreensão, como todo mundo se achava na Alemanha.

O autor de "Fausto" recebeu-o com estas palavras:

— Já sabe? O vulcão está em plena erupção.

— Era disso que eu vinha falar ao senhor. O último Bourbon da França acaba de cair. Barricadas nas ruas de Paris, um quadro terrivel.

— Mas não é a isso que me refiro — volveu Goethe — Isso não me interessa. Refiro-me a grande polemica entre Cuvier e Geoffroy Saint — Hilaire...

Soret diz ter ficado verdadeiramente desconcertado ante a resposta. Na polemica em que o poeta estava tão interessado, tomava êle o partido de Saint-Hilaire, cujas doutrinas coincidiam com a sua "Metamorfose das plantas".



Retrato do pintor Milton Da Costa — PAULO O. FLORES

Paulo O. Flores, no Instituto de Arquitetos

E' BEM RARO uma exposição exclusiva de desenhos. Já enfrentando esse "part-pris" para com o genero, há um certo heroismo na atitude do jovem artista.

E, nos 75 trabalhos expostos, inspirados nos temas mais simples do quotidiano, vem demonstrar Paulo O. Flores uma compreensão da importância do desenho no conhecimento plástico. Vêr, saber vêr é um ato experimental. Manejando a linha como elemento puro, soube o jovem artista dominar a maior parte de seus temas nesse inteligente exercicio que a si mesmo propôs.

Os desenhos de ns. 1, 2, 4, 20, 40, 43, 50, realizam uma experiência aproveitável, utilissima no seu desenvolvimento artistico. Trata-se de uma experiência direta, objetiva, que por meio de análise e da seleção das componentes do objeto, se depura e se transcendentaliza. Puro exercicio intelectual, jogo puro do espirito o desenho inscreve, apesar da limitação do seu material, a forma pensada, num esquema abstrato, alheio à natureza, da qual aproveita apenas as aparências.

Reabilitando a importância do desenho Paulo O. Flores ao mesmo tempo se capacita á integra liberdade do artista consciente, senhor de seus meios.

Muito embora, algumas vezes, o seu desenho se torne rigido, á medida do desenho técnico; muito embora, algumas vezes a linha fuja às qualidades de sensibilidade; no geral, Paulo O. Flores sabe conquistar a sua expressão através de meios diretos e inequivocos.

Essa exposição marca uma etapa importante na obra do artista; enriquecendo-o de uma farta colheita de novas formas, uma verdadeira revisão da realidade objetiva, ponto de partida para todas as investigações da plástica. — S. R.

*

A DESCOBERTA DE UMA OBRA INÉDITA DE SIMÕES LOPES NETO

UM MANUSCRITO QUE VEM TER MISTERIOSAMENTE ÀS MAOS DA VIUVA DO ESCRITOR

EM recente artigo publicado num jornal de Pôrto Alegre, Manoelito de Ornelas conta haver-se encontrado com a viúva de Simões Lopes Neto, em Pelotas — depois de uma conferência que ali proferiu sôbre o escritor gaúcho — a qual lhe pediu para examinar alguns novos papéis que lhe haviam chegado às mãos de autoria do seu falecido espôso.

No dia seguinte pela manhã o escritor na residência de D. Francisca — tal o nome da viúva de Simões Lopes — e interrogando-a sôbre a forma pela qual tinha entrado na posse daqueles originais ignorados, declarou tratar-se de coisa estranha e verdadeiramente inexplicável. Num pacote lacrado vieram-lhe do Rio aqueles cadernos com a carta de um remetente por ela inteiramente desconhecido A carta não dava muitas explicações, apenas acentuava que o destino daqueles originais devia ser o das mãos da viúva de Simões Lopes. D. Francisca — escreve o autor de "Gaúchos e Beduinos" — examinou comigo os originais e disse-me comovida: — "Veja a letra dêle, aqui caprichada, ali mais corrente". Acrescenta que o escritor, comparando os referidos originais com os da "Terra Gaúcha", de sua propriedade, verificou, sem vacilação, a autenticidade daqueles. Além disso, nos arquivos de Simões Lopes encontrou uma parte integrante do primeiro capítulo do livro agora descoberto, capítulo êsse dactilografado e com o titulo de "Recordações da Infância". D. Francisca mostrou ao jornalista, na parede, uma peanha minúscula, um cavalinho de marfim, montado por um boneco negro de celulóide: — "Veja — disse-lhe ela — é o meu Negrinho do Pastoreio... Não teria sido êle quem me trouxe de volta êsses originais?".

Manoelito confessa que os cadernos a êle confiados o deixaram surprêsos, no encantamento de quem descobre um veio de puríssimo ouro. Ali estava uma obra de Simões Lopes, de que nunca se falara até agora. Trata-se de um livro de literatura infantil. Sim, de um livro destinado à infância e à adolescência do Rio Grande, narrando, à maneira magistral de Simões Lopes coisas, — aspectos costumes e tipos — da vida campesina e alguns episódios da formação histórica do Brasil, num tom de conversa com as crianças, colocando-se o novelista bem à altura da mentalidade infantil.

Eis aí uma noticia que não pode deixar senão de alvoroçar os admiradores de Simões Lopes Neto, cujo número evidentemente cresceu, depois da recente edição dos "Contos Gauchescos". Só nos resta agora augurar o breve aparecimento dessa obra inédita do admiravel escritor regionalista

AS REPUTAÇÕES DISCUTÍVEIS, NA LITERATURA

Escritores de várias nacionalidades respondem a um inquérito sôbre a posição de Maupassant nas letras

POR OCASIÃO do transcurso do centenário do nascimento de Guy de Maupassant, em agôsto último, "Les Nouvelles Littéraires" publicou a opinião de vários escritores sôbre o famoso contista. Muitos dos depoimentos foram prestados em 1938, e já não existem alguns dos escritores que participaram dêsse julgamento literário.

Sondando, agora, as novas gerações e ouvindo vários escritores estrangeiros, "Les Nouvelles Littéraires" procurou ver se o veredito da velha geração seria ou não mantido.

Damos, abaixo, em resumo, os juizos emitidos, a respeito, por antigos e modernos, na França e fora dela.

VALERY — Não sou romancista, nem crítico. Li Maupassant muito pouco, e êsse pouco há bastante tempo. Confesso que não sou grande leitor e que não tenho tempo — nem talvez o gôsto — de ler romances. Desculpe-me tantas negativas...

CLAUDEL — Jamais consegui ter interêsse de espécie alguma pela obra de Maupassant.

LEON DAUDET — Sua falta de cultura é visível. Seu talento medíocre, debilitado pela paralisia geral, às vezes lança leguihas. Quase nunca penso nele.

ROGER MARTIN DU GARD — Considero Maupassant um dos nossos grandes contistas natos, de fôlego um pouco curto, mas excelente escritor fabulista engenhoso, com extraordinária mestria no seu ofício. Sabia conservar-se sempre nas fronteiras do realismo e da poesia, e não lhe faltava o senso do trágico na vida quotidiana — sinal dum verdadeiro temperamento de romancista. Devia ter sido mais severo para consigo mesmo e talvez carecesse de um pouco mais de densidade na sua vida interior.

Seu mal foi ter vivido num tempo em que a vida não era tão difícil...

ANDRE' GIDE — Parece-me que a Inglaterra, a Alemanha e até a Rússia formam sôbre a obra de Maupassant conceito mais favorável do que o em que a França o tem. Na França, Maupassant teve uma descendência literária bastante medíocre, de novelistas e de contistas, ao passo que exerceu inegável influência em eminentes autores estrangeiros. A êsses autores, ricos de substância, talvez faltasse um pouco daquilo que Mupassant tinha em excesso e lhes podia ensinar: técnica. Deixou uma porção de pequenas narrativas de técnica admirável, de extraordinária habilidade de apresentação e de uma prosa bem rara. Poderiam ser tomadas como modelos. Algumas delas ultrapassaram muito os simples êxitos formais: especialmente "Boule de Suif" que é, no seu gênero, uma obra prima.

O que nos impede de considerar Maupassant verdadeiro mestre é, creio eu, a falta de interêsse, quase total de sua própria personalidade. Nada tendo de particular que dizer, e não sendo portador de mensagem alguma, vendo o mundo e nô-lo apresentando um pouco negro, mas sem índice de refração original — Maupassant permaneceu, para nós, aquilo que pretendia ser: um notável e impecável obreiro das letras. E' para cada um de seus leitores a mesma coisa, e a nenhum dêles fala em segrêdo.

MONTHERLANT — Confeso não ter lido nenhuma crítica francesa ou estrangeira sôbre Maupassant, e não nego que conheça muito mal a obra dêsse escritor. O que li dêle parece pertencer ao autêntico "romance realista", estilo século XIX. Quanto à sua reputação no estrangeiro é, sem dúvida, muito exagerada. Os letrados franceses não podem deixar de sorrir, a respeito.

ALDOUS HUXLEY — Li bastante Maupassant em francês, quando estava no colégio. Apreciava a habilidade com que as suas novelas "tiniam", até ao seu epílogo epigramático, mas nunca senti em sua obra uma forma exaltadora da literatura.

J. B. PRIESTLEY — Não tenho o hábito de classificar os escritores como se fossem jogadores de tenis, mas, a priori, eu daria a Maupassant um lugar bem importante.

JAMES HILTON — Minha opinião é que Maupassant é muito subestimado em nossos dias. Estou de acôrdo com Somerset Maugham em que as novelas dêsse escritor representam para os contemporâneos modelos melhores que as do Tchékhov.

THOMAS MANN — Considero a obra dêsse francês como imortal, no verdadeiro sentido da palavra, e estou certo de que, nos séculos futuros, êle será considerado na literatura mundial como um dos maiores mestres da novela.

STEFAN ZWEIG — Parece-me que não fazem justiça na França a Maupassant.

Para mim, seu gênio reside essencialmente no fato de saber evitar o supérfluo, não decair jamais, nem se tornar fastidioso, verboso ou impreciso. Com três quartos de seus contos, outros fariam romances espichando descrições de paisagens, ou diálogos, e lhes ajuntando uma medíocre filosofia. Maupassant possui, porém, um senso quase sobrenatural da medida. Com dez traços, cria um personagem; em vinte páginas, configura um destino, e assim consegue atingir a perfeição artística em duas ou três dúzias de contos. Nas suas curtas novelas, cada linha é tão concisa e imutável como a de um poema.

BENEDETTO CROCE — Hoje, admiram-se artistas de alma árida, pálidos impressionistas e, simultâneamente, intelectualistas desprovidos de humanidade. Dêles se faz matéria de estudo e de discussão, e passa-se com indiferença diante de um Maupassant, escritor de estilo tão rico, tão límpido e que nos fala à sensibilidade e à imaginação.

ERSKINE CALDWELL — Estou certo de que Maupassant é insubstituivel e que, por conseguinte, sua obra sempre se colocará entre as obras literárias essenciais.

JOHN DOS PASSOS — Embora tenha lido muito suas novelas quando jóven, não sei se terão produzido grande impressão em mim. Pode ser que me engane, pois não releio Maupassant há anos, mas não creio que haja em suas obras algo de novo que não figure nas de Balzac ou de Flaubert.

LOUIS BROMFIELD — Parece-me que Maupassant seria muito útil aos escritores jovens, para que êstes lhe estudassem a técnica, e em seguida a esquecessem.

WILLIAM SAROYAN — Eu sabia que não diferençávamos muito um do outro, e que aquilo que êle conseguiu fazer eu devia poder conseguir também. Foi Maupassant que me fez trabalhar seriamente.

SHERWOOD ANDERSON — Parece-me que insistia demais na técnica, e muitas vezes em detrimento do elemento humania.

SIGRID UNDSET — Acredito lembrar-me de que eu achava perfeitas as suas pequenas novelas cínicas e que seus romances me pareciam contaminados de uma espécie de sentimentalidade malsã. Mas, isto há 30 anos...

JOHAN BOJER — Maupassant pertence a todas às épocas. E' para mim o maior prosador que a França produziu. Ultrapassa Flaubert como estilista, e Bourget como psicólogo, nos seus grandes romances "Bel Ami", "Notre coeur" "Forte comme la mort" e "Une vie".

KNUT HAMSUN — Não é dos meus preferidos. Afinal, era um epígono e não escrevia nem melhor nem menos bem que a maioria dos escritores franceses de seu tempo.

F. E. SILLANPAA — E' nula a influência direta de Maupassant sôbre mim, mas o ascendente indireto, inconsciênte, pode ter sido grande. Meu mestre Juhani Aho foi deveras marcado por êle.

GUNNAR GUNNARSSON — Considero Guy de Maupassant um dos maiores contistas do mundo, talvez o maior até.

GEORGES DUHAMEL — Quando, há cêrca de 20 anos, numa reunião do Pen Club, em Paris, o romancista norueguês Johan Bojer incluiu Guy de Mapassant entre os grandes escritores franceses da época moderna, alguns jovens sorriram. Ignoravam a influência de Maupassant no estrangeiro e continuam a não levá-la a sério. Entretanto, grande parte da literatura romanesca, notadamente a americana, saiu dêle. O sentimento de justiça impõe que se diga isto.

ANDRE' MAUROIS — Seus contos, tão bem feitos, pouco me impressionam. De Lamartine se dizia que tinha gênio de mais, para se preocupar em ter talento. De Maupassant, pode dizer-se que teve talento de mais, para se dar ao trabalho de ter gênio.

ROLAND DORGELES — Maupassant é suficientemente grande para sobreviver ao eclipse em que hoje se acha. Muitos romances espaventosos haverão desaparecido, e ler-se-ão ainda êsses contos poderosos e coloridos que assinalaram trinta anos de literatura francesa.

JEAN PAULHAN — Não conheço escritor algum que nos dê, na medida de Maupassant, o sentimento de que a literatura é coisa fácil, que brota naturalmente. Acredito que êle tem e terá um papel importante na história literária.

FREDERIC LEFEVRE — Quanto a mim, coloco Guy de Maupassant bem alto, como contista.

DRIEU LA ROCHELLE — O tédio que, em Flaubert, já constitui uma ameaça — por causa da secura do coração e do espírito e da falta de um profundo poder de criação — domina definitivamente a obra de Maupassant a meus olhos de 45 anos. Eu não teria coragem de reler "Bel Ami" ou "Une Vie".

Maupassant é um dos pilares mais sólidos da concepção convencional que se faz do espírito francês: um realismo: um realismo demasiado estreito que exclui partes inteiras da natureza humana.

BLAISE CENDRARS — A meu ver é êle um dos grandes pintores da sociedade francesa. Sem dúvida, muitos dêsses grandes pintores nos parecem hoje, incrivelmente, defuntos. Isso não impede que os consideremos grandes.

ROBERT MERLE — Maupassant subsiste, creio eu, como escritor de grande importância, não sòmente pela sua obra, como também pelo seu método.

Sob certos aspectos, podemos perfeitamente considerá-lo como precursor do romance moderno, ou pelo menos do romance moderno "objetivo". Acrescentarei que, pela sua rapidez, pelo seu senso de patético e do absurdo, pelo seu "humour" subjacente e por essa saborosa mistura de brutalidade aparente e de ternura pudica, também foi um vanguardista.

JEAN-LOUIS CURTIS — Reputo "Les Contes de la Bécasse" uma obra extraordinária e quase inigualável no seu gênero.

—*—

O ESPÍRITO DE BARKEY D'AUREVILLY

BARKEY d'Aurevilly, o estranho autor de "Les Diaboliques", livro que lhe acarretou um processo tinha o espírito acido e ferino. Pobre e orgulhoso, recusava-se a aceitar favores de quem quer que fosse, vivendo a proclamar sempre seus foros de nobreza. O que fazia François Coppée dizer:

—Ele ostenta sua pobreza como uma condecoração.

Baudelaire e o ateismo

A Baudelaire que, numa roda de artistas declarava ufano não acreditar absolutamente em Deus, Barkey obesrvou:

— E' pena, porque você o divertiria muito.

Os bailes da velhice

A velha duqueza de Parthenay, tendo-o convidado a vir tomar uma chicara de chá no seu palacio, levou o escritor, já também velho, para um canto do salão, ao calor da lareira e começou a recordar a mocidade de ambos.

— Não lhe aborrece essa palestra assim, de recordações? – perguntou-lhe a duqueza.

— Não — respondeu Barkey — as conversas ao pé do fogo são os bailes da velhice.

Definições célebres

Ficaram celebres algumas de suas definições.

De Mirabeau dizia êle:

— E' um porco espinho que muita gente toma como leão.

Referindo-se a obra de Paul Bourget da qual julgava êle nada ficaria, observava:

— Bourget escreve com borracha.

De Dumas Pae dizia:

— E' um Shakespeare charlatão.

Uma cantora

Ouvia Barkey d'Aurevilly uma cantora, cuja voz parecia muito menos bela do que o colo, admiravelmente decotado. E como um amigo lhe pedisse a opinião o escritor respondeu:

— E' uma cantora para escultor.

A audacia de uma escritora

Falavam na casa de Jules Valles, de uma escritora, cujos romances escandalizavam pela sua cinica audacia. Barkey exclamou, com repulsa:

— Essa mulher deshonra o impudor.

Wagner e o Etna

— O senhor que conheceu Wagner — perguntou-lhe alguem — poderá dizer-nos: era ele agradavel quando falava?

— O Etna poderá ser agradável quando fala? — respondeu Barkey.

VIA CRUCIS

Eu fiquei tuberculosa aos vinte anos,
Num dia transparente de sol!
Minhas mãos mancharam-se de sangue
Vermelho, rutilante, côr da vida
Palpitante e bela,
Que eu sentia crescer em toda parte!

Naquele dia, alguem, o meu vizinho,
Bem distante do meu drama interior,
Tocava violino. Era uma canção bonita,
Estranhamente parecida com a vida,
Que eu sentia viver dentro de mim...

Mas... foi assim... E eu fiquei olhando
Com os olhos pregados, sem fechar,
As pálpebras imóveis, paralisadas, mortas
As manchas de sangue no meu lenço.

E o violino chorava, agora,
A mesma canção que era a minha vida...
E eu estática, trânsida de medo, gelada de susto,
Não pude chorar... Não pude chorar
Não pude.

Distante, cantava ainda aquele violino...
E eu tossia... tossia nervosamente.
E aquelas gotas quentes de meu sangue
Vinha-me lembrar a côr da minha vida
Em plena manhã da juventude.
E eu fiquei tuberculosa aos vinte anos!

Meus dedos úmidos eu os não sentia,
Mas, presos às minhas mãos pendidas para baixo,
Nesse desânimo agoniado de quem sofre muito,
Eram lágrimas compridas de minh'alma,
Pétalas brancas de uma flor ceifada
Em plena adolescência.

Meu Dens!
E êste violino cantado indiferente
A minha canção de todo dia,
Como uma prece iluminada
Para sepultar a minha vida.

E neste soturno desepêro
Quando sinto fugir toda a razão,
Meu Deus, que me consoles.
Sou um viajor que não tem rumo
E distante, á altura dos meus olhos,
Como a estrela polar da redenção,
Vejo esta luz que sómente eu vejo
No silêncio da dôr de minha cruz,
Na tua voz que me segreda
Esse bálsamo maior de toda vida,
Que dás de beber aos desgraçados
Que se perdem de si mesmos
Na descrença da fé,
Erperança.

GABRIEL DE LUCENA

NO PETIT TRIANON

DIOGENES LAERCIO

A nova geração

"Há entre nós uma nova geração poetica, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fôra absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova — uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o presente.

Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece; o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou. Já é alguma coisa". Essas palavras são de um crítico de hoje? de um Amoroso Lima? de um Múcio Leão? de um Cassiano Ricardo? de um Manuel Bandeira? Não: essas palavras são de Machado de Assis. Inspirou-as o comentário da crítica indígena sôbre as poesias de Mariano de Oliveira, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães, Teixeira Bastos, Guilherme de Azevedo, Teófilo Dias, Carvalho Júnior, Lúcio de Mendonça, Artur Barreiros, Afonso Celso Júnior, Ezequiel Freire, Múcio Teixeira e alguns outros.

Quem hoje se recorda acaso dêsses "poetas novos?" Quem acaso lhes guarda os nomes? Entretanto, êles foram "a nova geração" elogiados por Machado de Assis... Bela e oportuna lição de humildade para os que se julgam os gloriosos renovadores atuais da nossa Poesia..

Brasil-Equador

No salão nobre da Academia realizou-se, na última terça-feira, uma sessão solene do Instituto Brasil-Equador, em homenagem ao embaixador Peñaherrera, que acaba de ser transferido para Washington. Falou, em nome do Instituto, o sr. Peregrino Júnior, respondendo o homenageado.

Obras completas de Paulo Setubal

Das obras completas de Paulo Setubal acabam de aparecer em S. Paulo três volumes: "Os irmãos Leme", "Ensaios históricos" e "O sonho das esmeraldas".

Rui Barbosa e o problema social

Oferecendo à Biblioteca da Academia o livro do sr. Eduardo Tourinho sôbre a Bahia, o sr. Múcio Leão acentuou a injustiça com que o autor julgou Rui Barbosa, ao declarar que êste fôra indiferente ao problema social. Falaram, corroborando o ponto de vista do sr. Múcio Leão, os srs. Pedro Calmon, Osvaldo Orico, Elmano Cardim e Levi Carneiro.

Colóquio luso-brasileiro de Washington

Presidindo a delegação brasileira do Colóquio da Biblioteca do Congresso de Washington, viaja para os Estados Unidos o Ministro Pedro Calmon.

Uma conferência do Embaixador Azeredo

Está sendo aguardada com vivo interêsse a anunciada conferência do Embaixador Carlos Magalhães de Azevedo sôbre os Papas que conheceu no seu longo tirocínio de Embaixador do Brasil no Vaticano. Ainda não está marcada a data dessa conferência.

Celso Vieira

Já se encontra convalescente da grave enfermidade de que foi acometido o acadêmico Celso Vieira.

Olegário Mariano e o centenário de José Mariano

Os amigos e admiradores do sr. Olegário Mariano estão insistindo para que êle repita na Academia a bela e comovida conferência que fêz em Recife sôbre José Mariano. Esperam todos vencer a resistência do poeta das Cigarras, a fim de que o público da Academia possa ter o mesmo e alto prazer espiritual que teve o grande público do Teatro Santa Isabel.

Dois necrológios

Na última sessão da Academia o sr. Peregrino Júnior fêz dois elogios fúnebres: o do grande caricaturista e ilustrador J. Carlos, seu velho companheiro de imprensa, e do ex-reitor Azevedo Amaral, que conheceu de perto no Conselho Universitário.

AINDA ISABEL

(Conclusão da 2.ª pág.)

lado direito, surgida sem ruídos.

E enquanto Isabel pisa os degraus, desce a escada de dois lances, permaneço afagando Bernadete, passando a mão sobre os seus cabelos, como se esta minha carícia tivesse o poder de curá-la, de libertá-la desta mania que a persegue faz dois meses. Mania de incendiar tudo, de destruir tudo, alcovitada por línguas vermelhas de um fogo voraz.

Mania que se avolumou na última semana, na manhã da última quarta-feira de Feveireiro, quando fui obrigado a injetar-lhe um centímetro cúbico de scopolamina; mas a sua mania reagiu ao entorpecente, que, apenas, lhe aveludou o rosto, imobilizou-lhe os membros por uma hora, a fez dormir um sono de recem-nascido. Sono fragil, sono de quem dermiu em excesso, sono confinado, quando inadvertidamente, arrastei uma cadeira até às proximidades de sua cama. Tive, então, de espetar-lhe de novo à nádega. Mas não deixei que uma modorra dominasse o meu corpo, como era de hábito a ela entregar-me após ao almoço. Receiava Bernadete acordasse inesperadamente. E se minha filha me visse de olhos cerrados, não titubearia em furtar-me a caixa de fósforos, cascavilhando-me os bolsos, apalpando-me as algibeiras com os seus dedos macios, com as suas mãos de ladra precoce.

Quantas vezes um misterioso aviso despertou-me, para que eu visse Bernadete rindo com malícia, serem-lhe os lábios uma galhofa, enquanto as cortinas se incendiaríam? E quando eu procurava extinguir aquelas chamas, Bernadete tocava fogo numa outra cortina; e novas labaredas começavam a corar vidros de janelas, às vezes enegrecidos pela fumaça.

Felizmente, agora, Bernadete deixa-me escutar os cânticos religiosos, comportando-se como se fosse uma criança normal. Um mestre-escola dar-lhe-ia pelo comportamento nota dez. Ótima. Dou-lhe um beijo na testa.

Embrulhada numa echarpe que lhe desce até às pernas, Isabel regressa, subindo os vinte degraus, para dizer-me que os cantores são protestantes; protestantes de passagem por Sant'Ana do Ipanema, Maravilha, Chicão, Mata Grande até chegarem a Delmiro Gouveia. Americanos da Cachoeira de Paulo Afonso queriam um culto na cidade e os haviam mandado buscar. E desde que partiram de Maceió, os protestantes paravam em toda cidade, em cada povoado, tocando e cantando nas praças, em lugares amplos. Apeiavam-se do caminhão a qualquer hora e davam uma festa, semelhante a esta que eu surpreso presencio.

Mesmo de noite, mesmo com o sol a pino, os protestantes retiravam do caminhão o harmônio portatil e por momentos cantavam como acabaram de fazê-lo.

Disse também Isabel que em Palmeira dos Indios monsenhor Macedo danou-se, pediu garantias à policia, devido aos cantos dos protestantes serem entoados no largo da Matriz. E da porta principal da Igreja começou a berrar, pregando como se o momento fosse de juizo final, prometendo excomungar a todo aquele que fosse cantar com os protestantes; jurando amaldiçoar mesmo aqueles que não estivessem cantando, mas que por perto das vozes disseminadoras de garras em seus ecos, estivessem a fazer número.

Mostrou-me Isabel um livro distribuido gratis, na capa um enorme sol irradiando chispas num céu tenebroso, escuro.

— Isto não vale nada, Isabel; é pulha. Ao devolver-lhe o livro, tomo-lhe as mãos, pedaços de carne empedernidos, apenas constatados na gelidez de alguns cadáveres

*

DUAS ATITUDES DIANTE DA VIDA

(Conclusão da 1.ª pág.)

dispensar esse espirito de decisão."

A sra. Hanska, Balzac escrevia, afirmando haver tido sobre George Sand uma influencia saudavel. "Ganhei muito — dizia ele — fazendo reconhecer a sra. Dudevant a necessidade do casamento, mas ela acreditará nele, estou certo, e creio haver procedido bem em convence-la"...

Na verdade, deve-se constatar na última parte de sua vida e de sua obra George Sand mudou de atitude com relação a esse ponto. Mas a idade deve ter desempenhado nessa conversão um papel mais decisivo do que os propositos de um amigo. Balzac já morrera de há muito, quando ela passou a entreter com Flaubert uma longa e lucida correspondencia, em que defendia, por sua vez, uma politica da natureza. "Nós artistas, não temos paciencia; queremos logo a abadia de Thelème; mas antes de dizer: "Faze o que quiseres" é preciso passar pelo "Faze o que puderes".

Creio que Balzac nesse dia tê-la-ia aprovado, e se vivesse ele até 1875 haveria defendido a Terceira República pelas mesmas razões que outrora lhe haviam feito legitimista. O que mostra serem o idealismo de Sand e o realismo de Balzac, um e outro necessarios.

LETRAS INGLESAS

THE KON-TIKI EXPEDITION (Allen & Unwin) — Muitos leitores se recordarão da sintese, publicada em "Seleções", da viagem de seis súditos noruegueses, de Callao, no Peru, até o arquipélago polinésio, na Oceania, numa embarcação primitiva, desprovida de meios mecânicos de propulsão, réplica exata das balsas do mesmo porte e construção usadas pelos Incas

O objetivo da viagem, sem levar em conta o espirito de aventura dos tripulantes, foi confirmar a teoria de terem os Incas, há mais de 1.500 anos, se feito ao mar em jangadas idênticas, ao sabor dos ventos aliseos e da corrente equatorial de Humboldt, e atingido as ilhas polinésias, onde se estabeleceram e implantaram sua civilização e seus hábitos.

Vem agora de ser publicada, na Inglaterra, a narrativa circunstanciada dessa façanha, sob o título "The Kon-Tiki Expedition", em tradução do norueguês, da autoria do idealizador da aventura cientifica, Thor Heyerdahl, em edição de Allen & Unwin Foi imediatamente escolhido pela Book Society como o Livro do Mês, e nós, aqui no Brasil, vamos ter, em breve, a tradução dessa tradução que ora está sendo feita para a Cia Melhoramentos de São Paulo

Raramente as "traduções de traduções satisfazem (ocorrendo-nos, no momento, como exceção, a das Rubayat, por Tarquinio Lopes de Souza, que as verteu do francês, traduzidas, por sua vez, da magnifica versão do persa pelo poeta inglês Edward Fitz Gerald) No caso da saga do Kon-Tiki, não será difícil superar o trabalho do tradutor inglês, F. H. Lyon, que, procurando, evidentemente, manter demasiada fidelidade ao original — cujo valor literário não nos foi dado apreciar — apresentou um estilo por vezes cansativo, embora fácil de vencer-se em virtude da vibração intriseca do tema. Se a tradução fôr bem cuidada, teremos brevemente uma narrativa para ser lida com muito interêsse, tanto por adultos como por adolescentes.

A ausência de protagonistas femininos é mais um fator que torna o livro um oásis em nossa literatura, que, com honrosas exceções, se caracteriza pela exploração do eterno triangulo: êle, ela e o outro.

Letras e Artes

DIREÇÃO

DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES:

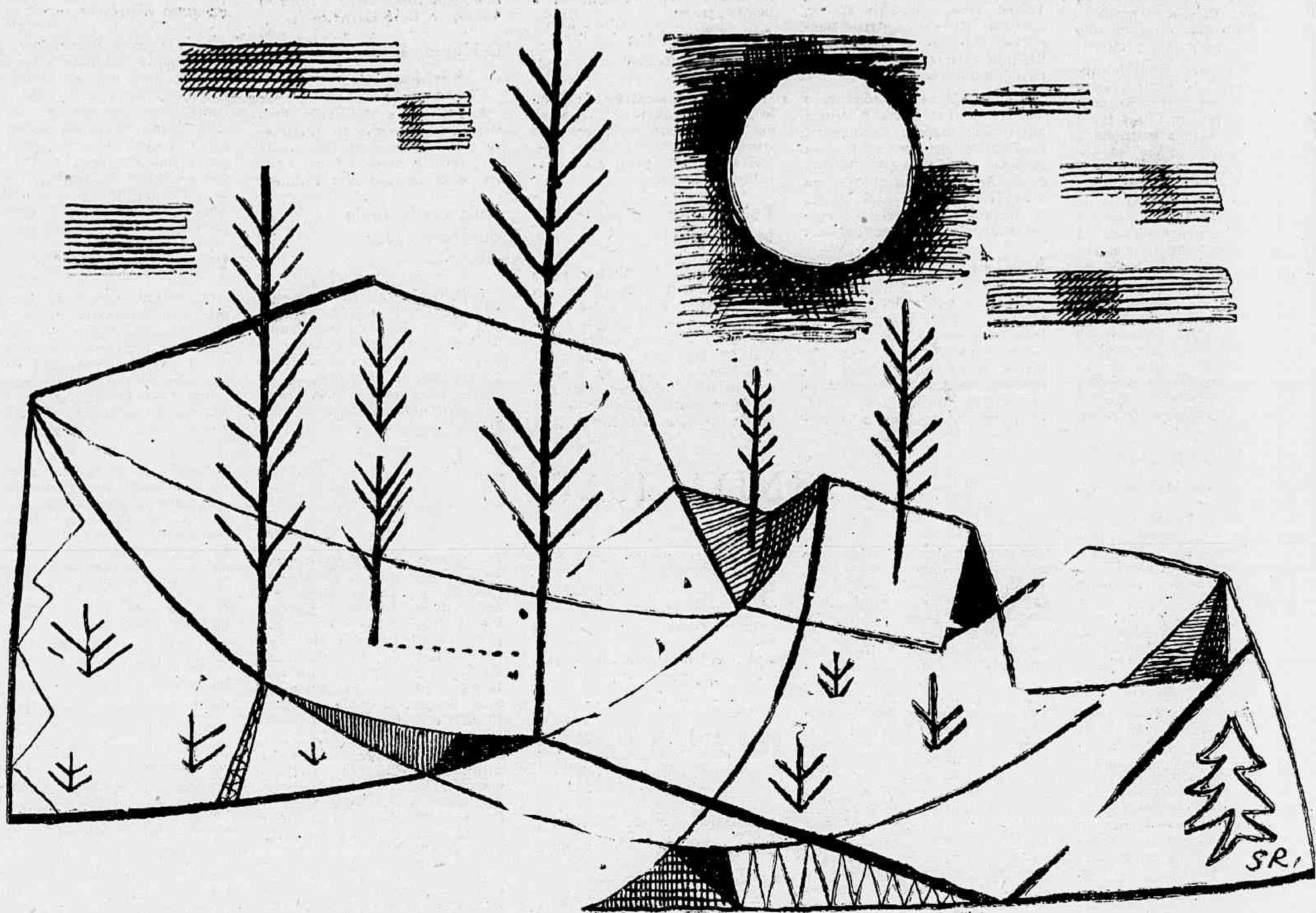
Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcantara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro Gonçalves, Anibal Machado, Anor Butler Maciel, Antonio Rangel Bandeira, Ascendino Leite, Atilio Milano, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Acioli, Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecilia Meireles, Christiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Claudio T. Barbosa, Dalton Trevisan, Damaso Rocha, Dantas Mota, Dinah S. de Queiroz, Eugenio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Camara, João Condé, Joaquim Ribeiro, J. P. Moreira da Fonseca, José Lins do Rego, Jorge de Lima, José F. Coelho, José Geraldo Vieira, José Simeão Leal, José Tavares de Miranda, Josué de Castro, Josué Montello. Leony de Oliveira Machado, Lêdo Ivo, Ligia Fagundes Teles, Louis Wiznitzer, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso, Luiz Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Newton de Freitas, Octavio de Faria, Olimpio Mourão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Pericles da Silva Ramos, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Roger Bastide, Rogerio Corção, Roland Corbisier, Rosario Fusco, Rubem Biafora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Silvio Elia, Sylvio da Cunha, Sonia Regina, Tasso da Silveira, Temistocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Van Jafa, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Willy Lewin, Xavier Placer, Haidée Nicolussi, Mietta Santiago, Guido Wilmar Sassi e Jorge Barroso Filho.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcelo Grassmann Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswaldo Goeldi, Paulo O. Flores, Paulo Vincent. Renina Katz, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.

Letras e Artes

RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1950



o de SANTA ROSA

NOITE NUM BOSQUE DA EUROPA

NO FRIO DA NOITE,
PERDIDO ENTRE AS SOMBRAS
DO BOSQUE EM SILÊNCIO,
NÃO SEI PORQUE VOU.
NÃO SEI PORQUE TUDO
ME DÁ TANTA PENA,
NÃO SEI.

... LÁ LONGE ERA BOM,
LÁ LONGE ERA QUENTE
NA NOITE DO MATO,
COM CHEIROS QUE EXCITAM
E VOZES DE BICHOS
DO TRÓPICO AMIGO.
... LÁ LONGE.

Ó LUA DA EUROPA,
QUE ESTRANHA ESSA LUZ,
QUE TRISTE ESSA LUZ
QUE GUIA OS MEUS PASSOS
NO BOSQUE EM SILÊNCIO,
PERDIDO ENTRE AS SOMBRAS,
Ó LUA!

LÁ LONGE FICOU
A LUA QUE EU AMO,
QUE APONTA NA SERRA
ENQUANTO NO MATO
ME CHEGAM RECADOS
DE FLORES E BICHOS
QUE EU SEI.

AQUI NADA SEI
FICOU MUITO ALÉM
TUDO QUE ME QUER
E A QUE EU QUERO BEM.

RIBEIRO COUTO